Lindo Sonho Delirante

100 discos psicodélicos do Brasil

psychedelic records from Brazil (1968-1975)

Bento Araujo

Aqui estão reunidos os LPs e compactos que mudaram para sempre a música feita no Brasil. Compilado pelo jornalista, pesquisador e colecionador de discos Bento Araujo, o livro é ricamente ilustrado, com reproduções das cem capas dos discos resenhados. O autor traça a história da música psicodélica brasileira, analisando suas obras fonográficas fundamentais.

Lindo Sonho Delirante: 100 discos psicodélicos do Brasil (1968-1975) é mais que uma celebração à música psicodélica, é também um presente à memória da música brasileira e àqueles artistas que expandiram a mente em nome da arte, em plena era de sangrenta repressão militar e de extremo preconceito social.

A análise da criação e a interpretação do simbolismo dessa lisergia tropical cria uma iconografia inédita, uma obra que imortaliza a música psicodélica produzida no Brasil entre os anos de 1968 e 1975.

De pioneiros como Arnaldo Baptista e Tom Zé até astros como Milton Nascimento e Alceu Valença. De gigantes como Gil, Caetano, Gal e Jorge Ben até heróis não tão celebrados como Lula Côrtes, Damião Experiença, Marconi Notaro e Pedro Santos. Do rock marginal da Ave Sangria e Spectrum até a sofisticação de Marcos Valle, João Donato e Arthur Verocai. Todos estão reunidos nesse *Lindo Sonho Delirante*, os medalhões que em algum momento flertaram com as tendências psicodélicas e também os malditos e esquecidos.

Compiled by journalist, researcher and record collector Bento Araujo, *Lindo Sonho Delirante: 100 psychedelic records from Brazil (1968-1975)* is a fully illustrated celebration of the records that changed Brazilian music forever. The book features meticulous reproductions of all the record covers, information on the original releases and reviews in Portuguese and English.

The depth of the research and the artistic beauty of the album covers should attract both long-time collectors and those who are now entering the world of record collecting. The analysis and interpretation of the symbolism of this tropical psychedelia creates a unique iconographic volume that works as a gift to the memory of the Brazilian artists who expanded their minds in the name of art in an era of bloody military repression and extreme social prejudice.

From pioneers such as Arnaldo Baptista and Tom Zé to stars like Rita Lee and Milton Nascimento. From giants like Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Jorge Ben and Os Mutantes to unsung mavericks like Lula Côrtes, Pedro Santos, Damião Experiença and Marconi Notaro. From the wild rock of A Bolha, Equipe Mercado, Ave Sangria and Spectrum to the sophistication of Marcos Valle, João Donato and Arthur Verocai. All of them are gathered in *Lindo Sonho Delirante*. The superstars, the mavericks and the forgotten.

preview copy

poeira Press

preview copy

A GENUINE POEIRA PRESS BOOK FOR THOSE WHO LOVE AND LIVE MUSIC ● WWW.POEIRAZINE.COM.BR

Copyright © 2016 Bento Araujo - poeira Press / poeira Zine

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes ou da totalidade deste livro (através de meio eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros) sem a prévia autorização por escrito do autor.

Direção de arte e design: Bento Araujo
Revisão dos textos em português: Maria Estrella
Revisão dos textos em inglês: William Cook
Imagens: reproduções das capas de discos da coleção particular do autor e de seus colaboradores

poeira Press / poeira Zine
contato@poeirazine.com.br - www.poeirazine.com.br
Caixa Postal 78714, CEP 05011-970, São Paulo, SP, Brasil

Esta primeira edição foi viabilizada via financiamento coletivo pelo Catarse, em agosto de 2016

Impresso no Brasil, na GSet Indústria Gráfica

preview copy

Catalogação na Publicação

AR658

Araujo, Bento
Lindo Sonho Delirante: 100 Discos Psicodélicos do Brasil (1968-1975) / Bento Araujo
São Paulo, SP, Brasil, poeira Press, poeira Zine, 2016, 232p., il, 21.5 cm

ISBN 978-85-921792-0-5

1. Música Popular - Brasil
2. Música Popular - Brasil - História

CDD 780 - CDU 78

poeiraPress

pZ
poeirazine.com.br

Bento Araujo

Lindo Sonho Delirante

preview copy

100 discos psicodélicos do Brasil

psychedelic records from Brazil (1968-1975)

Primeira Edição
São Paulo - SP - Brasil
2016

Índice / Contents

Introdução / Introduction 16

Os 100 Discos / The 100 Records

1) *Gilberto Gil* – Gilberto Gil 26
2) *Caetano Veloso* – Caetano Veloso 28
3) *Tropicalia ou Panis et Circencis* - Vários 30
4) *Os Mutantes* – Os Mutantes 32
5) *Lindo Sonho Delirante (L.S.D.)* - Fábio 34
6) *Ronnie Von* - Ronnie Von 36
7) *The Galaxies* - The Galaxies 38
8) *Beatniks* – Beatniks 40
9) *Krishnanda* - Pedro Santos 42
10) "Que Bacana"/"Esperanto" - Suely e Os Kantikus 44
11) *O Som Psicodélico de L.C.V.* - Luiz Carlos Vinhas 46
12) *Ao Vivo* - Caetano Veloso e Os Mutantes 48
13) *Metamorfose* - The Beggers 50
14) *A Banda Tropicalista do Duprat* - Rogério Duprat 52
15) *Grande Liquidação* - Tom Zé 54
16) *Apolo* - Quarteto Nova Era 56
17) *O Bando* – O Bando 58
18) *Mutantes* - Os Mutantes 60
19) *O Despertar dos Mágicos* - Loyce e os Gnomos 62
20) *Gal Costa* - Gal Costa 64
21) "Tema de Batman" / "Tema de Ônibus" - Celio Balona 66
22) *Brasil Ano 2000* (Trilha Sonora do Filme) - Vários 68
23) *Os Brazões* – Os Brazões 70
24) *Caetano Veloso* – Caetano Veloso 72
25) *Por Favor, Sucesso* - Liverpool 74
26) *Gilberto Gil* – Gilberto Gil 76
27) *A Misteriosa Luta do Reino de Parassempre Contra o Império de Nunca Mais* - Ronnie Von 78
28) *Gal* – Gal Costa 80
29) *Jorge Ben* – Jorge Ben 82
30) *Brazilian Octopus* - Brazilian Octopus 84
31) *A Bad Donato* - João Donato 86
32) *Som Imaginário* - Som Imaginário 88
33) *Sonho 70* - Egberto Gismonti 90
34) "Fobus in Totum" / "Nem Sei de Mim" - Os da Bahia 92
35) *A Divina Comédia ou Ando Meio Desligado* - Mutantes 94
36) "Mary K. no Esgôto das Maravilhas" / "Poesonscópio de Mil Novecentos e Quarenta e Quinze" - Equipe Mercado 96
37) *O Têrço* - O Têrço 98
38) *Novos Bahianos* - Novos Bahianos 100
39) *Sound Factory* - Sound Factory 102
40) *Marcelo Zona Sul* - Liverpool 104
41) *É Ferro na Boneca!* - Os Novos Bahianos 106
42) *A Máquina Voadora* - Ronnie Von 108
43) "O Burro Côr de Rosa" / "Ouriço" - Serguei 110
44) *Tom Zé* – Tom Zé 112
45) *Bango* – Bango 114
46) *Miragem* - Os Lobos 116
47) *Sessão das 10* - Sociedade da Grã-Ordem Kavernista 118
48) *Blow Up* – Blow Up 120
49) *No Final do Juízo* - Novos Bahianos+Baby Consuelo 122
50) *Geração Bendita* - Spectrum 124
51) *Posições* - Equipe Mercado, Som Imaginário, Módulo 1000, A Tribo 126
52) *Jardim Elétrico* - Mutantes 128
53) *Carlos, Erasmo...* - Erasmo Carlos 130
54) *Hareton + Meta* - Hareton + Meta 132

preview copy

55) *O Têrço* - O Têrço 134
56) *Som Imaginário* - Som Imaginário 136
57) *Vento Sul* - Marcos Valle 138
58) *Não Fale com Paredes* - Módulo 1000 140
59) *Karma* – Karma 142
60) *Jards Macalé* – Jards Macalé 144
61) *Arthur Verocai* – Arthur Verocai 146
62) *Banguelê* - Free-son 148
63) *Nelson Angelo e Joyce* - Nelson Angelo e Joyce 150
64) *Mutantes e Seus Cometas no País do Baurets* - Mutantes 152
65) *Estrelando Embaixador* - Tribo Massáhi 154
66) *Clube da Esquina* – Milton Nascimento e Lô Borges 156
67) *Paulo, Claudio e Mauricio* - Paulo, Claudio e Mauricio 158
68) *Para Iluminar a Cidade* - Jorge Mautner 160
69) *Cristina* - The Gentlemen 162
70) *Alceu Valença & Geraldo Azevedo* - Alceu Valença & Geraldo Azevedo 164
71) *Perfeitamente, Justamente Quando Cheguei* - Rubinho e Mauro Assumpção 166
72) *Lô Borges* – Lô Borges 168
73) *Manduka* - Manduka 170
74) *Hoje é o Primeiro Dia do Resto da Sua Vida* - Rita Lee 172
75) *Satwa* - Satwa 174
76) *Guilherme Lamounier* - Guilherme Lamounier 176
77) *Um Passo a Frente* - A Bolha 178
78) *Paulo Bagunça e a Tropa Maldita* - Paulo Bagunça e a Tropa Maldita 180
79) *No Sub Reino dos Metazoários* - Marconi Notaro 182
80) *Secos & Molhados* - Secos & Molhados 184
81) *Matuskela* - Matuskela 186
82) *Línguas de Fogo* - Sidney Miller 188
83) *Murituri* - Arnaud 190
84) *Snegs* - Som Nosso de Cada Dia 192
85) *Ave Sangria* - Ave Sangria 194
86) *Loki?* - Arnaldo Baptista 196
87) *Secos & Molhados* - Secos & Molhados 198
88) *Noite do Espantalho* - Sergio Ricardo 200
89) *Nascimento* - Perfume Azul do Sol 202
90) *Planeta Lamma* - Damião Experiença 204
91) *Assim Assado* – Assim Assado 206
92) *Alceu Valença* – Molhado de Suor 208
93) *Moto Perpétuo* - Moto Perpétuo 210
94) *A Barca do Sol* – A Barca do Sol 212
95) *OrianaMaria* - OrianaMaria 214
96) *Água do Céu - Pássaro* – Ney Matogrosso 216
97) *A Frauta de Pã* - Carlos Walker 218
98) *Lar de Maravilhas* - Casa das Máquinas 220
99) *Som* - Persona (1975) 222
100) *Paébirú: Caminho da Montanha do Sol* - Lula Côrtes e Zé Ramalho 224

Mapa do Brasil / Map of Brazil 228

Origens geográficas / Geographic origins 229

Bibliografia / Bibliography 229

preview copy

Introdução

A busca pelo novo vem guiando a humanidade desde sempre, mas, na década de 1960, essa busca ganhou maior intensidade. Considerando o universo da arte pop, o que se presenciou foi uma avassaladora sucessão de criatividade. Na música, principalmente na segunda metade da década, as drogas passaram a ter um papel crucial, servindo de combustível para expandir a percepção sensorial dos compositores. Quando, em 1966, os Beatles encerraram seu álbum *Revolver* com "Tomorrow Never Knows", o mundo da música passou a atuar em *technicolor*.

No Brasil, assim como em qualquer lugar do mundo que orbitava a "Swinging London", a influência dos Beatles e sua psicodelia bateram forte. Os primeiros ecos surgiram ainda em 1966, mas foi no ano seguinte, 1967, com o lançamento de *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, que os brasileiros passaram a traçar a sua própria revolução psicodélica através da Tropicália.

Mas seriam os Beatles os únicos responsáveis pela fagulha no palheiro tupiniquim? Claro que não, já que o Brasil é um país psicodélico por natureza. Dizer que o Brasil estava apenas copiando o rock psicodélico produzido na Inglaterra e nos Estados Unidos da América é o mesmo que dizer que uma banda indiana de rock psicodélico estava copiando George Harrison ao inserir cítaras em suas composições. Assim como a música tradicional grega, turca, árabe, indiana e tantas outras que já possuíam nuances psicodélicas em sua essência, a música regional brasileira também possuía, seja na viola caipira, no baião, na percussão tribal, nos sons hipnóticos de um berimbau, ou de uma cuíca.

A renovação da nossa linguagem artística aconteceu a partir da Semana de Arte Moderna de 1922. A vanguarda abriu alas para o modernismo através de uma ebulição de novas ideias totalmente libertas. Surgiu então uma ânsia nacionalista em busca de uma identidade própria e de uma forma livre de expressão, atitudes essas que refletiram nos tropicalistas que tomaram o poder da música brasileira em 1968.

Assim como aconteceu em 1922 com a Semana de Arte Moderna, boa parte da mídia reagiu de maneira conservadora ao tropicalismo de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Os Mutantes e Rogério Duprat. Assim como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Victor Brecheret, Heitor Villa-Lobos, Tácito de Almeida, Di Cavalcanti e Tarsila do Amaral, os tropicalistas também poderiam ser taxados de "subversores da arte", "espíritos cretinos e débeis", ou "futuristas endiabrados". Originalmente, o movimento antropofágico brasileiro, difundido por Oswald de Andrade, promovia a deglutição da cultura do exterior. Ironizando a submissão da elite brasileira aos países desenvolvidos, Oswald propunha a "devoração cultural das técnicas importadas para reelaborá-las com autonomia, convertendo-as em produto de exportação".

Evidente que tanto a Tropicália, como a Bossa Nova, devem muito à turma modernista, pela sua lição peculiar de antropofagia, traduzindo a influência da música popular norte-americana à linguagem brasileira do samba e do baião. Se a sofisticação da Bossa Nova começou atraindo a alta sociedade carioca em um primeiro momento, a psicodelia dos jovens nordestinos gerou uma revolução totalmente marginal, que anos depois desembocaria na radical cena psicodélica pernambucana de Lula Côrtes, Lailson de Holanda, Marconi Notaro, Flávio Lira (Flaviola) e outros. Hoje, essa cena é quase tão cultuada por colecionadores de discos mundo afora como a cena psicodélica de San Francisco, EUA.

Assimilamos a psicodelia estrangeira, e após ruminar Beatles, regurgitamos Os Mutantes, o mais popular nome do rock psicodélico nacional. Rogério Duprat, o genial maquinista do *Magical Mystery Tour* transamazônico, costumava alegar, sem constrangimento algum, que a banda de Arnaldo Baptista, Sérgio Dias e Rita Lee era superior aos "carinhas de Liverpool" em sua inventividade e humor. Na época, todos diziam que Duprat estava apenas delirando lisergicamente, mas com o tempo, Kurt Cobain e até mesmo Sean Lennon vieram endossar a declaração do maestro surrealista brasileiro.

Se a psicodelia já não fazia parte da nossa cultura, como vamos explicar Carmen Miranda, Chacrinha, Grande Otelo e Glauber Rocha? Como dizer que são meros frutos do Sargento Pimenta?

Chacrinha, por exemplo, outro arretado pernambucano, promovia uma experiência dadaísta às massas, possuía liberdade cênica ímpar e um discurso tão absurdo quanto

preview copy

genial, mas também extremamente popular. Atirando bacalhau, frutas e legumes no povão, Chacrinha, antítese do astro televisivo, imortalizou seu bordão "Alegria, Alegria", que batizou o hino de Caetano Veloso, um dos marcos iniciais do movimento tropicalista em 1967. Bastou para que o baiano caísse de boca nessa antropofagia, mesclando os mandamentos do Velho Guerreiro com Coca-Cola e várias outras referências da cultura pop. Na apresentação do tema, no III Festival de Música Popular Brasileira da TV Record, Caetano contou com o acompanhamento roqueiro dos argentinos do Beat Boys. Foi assim que sua "Alegria, Alegria" foi recebida como um marco histórico instantâneo, no melhor espírito "quem não se comunica, se trumbica", outro bordão imortal de Chacrinha.

Importante também ressaltar a influência dos festivais nessa época, que eram competições musicais organizadas e transmitidas pelos principais canais de TV, onde um considerável contingente de compositores e intérpretes eram revelados a cada ano. Alguns deles até ousavam apresentar canções de protesto contra o delicado momento político e social atravessado pelo Brasil.

Caetano e toda aquela moçada tropicalista rompeu com a MPB tradicional em busca de novas sonoridades e linguagens estéticas. O disco-manifesto, *Tropicalia ou Panis et Circencis*, gravado em maio de 1968, em São Paulo, foi o marco maior do movimento. Nele, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Nara Leão, Os Mutantes e Tom Zé ganhavam o reforço de Capinam, Torquato Neto e do maestro Rogério Duprat.

A retaliação veio não só da ala mais careta da MPB (liderada por Elis Regina), mas também do governo militar. Mesmo com o exílio forçado da dupla psicodélica subversiva (Caetano e Gil), o fenômeno lisérgico/musical ganhava cada vez mais força entre os jovens grupos e artistas brasileiros que surgiam de Norte a Sul, de Leste a Oeste.

Por acompanharem Gil e Caetano nos festivais e nos discos, pelo apadrinhamento de Rogério Duprat, e pela ostensiva criatividade juvenil, Os Mutantes se tornaram rapidamente a principal banda de rock do Brasil. Inventivos, bem humorados, extravagantes, virtuosos, antenados e excêntricos, sabiam de tudo aquilo que rolava dentro do rock inglês e americano. Como Caetano dizia, tinham a cara da vanguarda pop brasileira da década de 1960 e já soavam como os Beatles de "A Day in the Life". Os irmãos Arnaldo Baptista e Sérgio Dias eram bem jovens, mas muito criativos e tecnicamente impecáveis. Graças à mãe concertista, herdaram a disciplina e a técnica da música erudita, e graças ao irmão mais velho e inventor, Cláudio César, tinham equipamentos e instrumentos fabricados com exclusividade, em plena sintonia com o que os Beatles e Jimi Hendrix utilizavam de efeitos fabricados pelas grandes marcas de pedais e amplificadores.

Com os Mutantes, que vinham do tradicional bairro da Pompéia, em São Paulo, ficou claro que a cidade seria celeiro de muitos outros grupos, influenciados pelo rock inglês e norte-americano. Em 1966, dois anos antes da explosão tropicalista, as manifestações psicodélicas passaram a correr pela terra da garoa por meio de grupos como Código 90, The Beatniks, Os Baobás, Os Abstratos, Sinc Sunt Res, Loupha e The Galaxies, que introduziram em seus repertórios canções do rock psicodélico internacional.

The Beatniks, por exemplo, eram grupo de palco do programa *Jovem Guarda* da TV Record, apresentado por Roberto Carlos. Logo se aliaram ao agitador cultural e artista plástico Antonio Peticov, e lançaram uma série de compactos com *covers* de "Gloria" (Them), "Fire" (Jimi Hendrix), "Outside Chance" (The Turtles) e um tema autoral monstruoso, punk e psicodélico, com toneladas de *fuzz* ("Alligator Hat"). Os Baobás, que acompanharam Caetano Veloso e Ronnie Von, lançaram cinco compactos e um elepê, apresentando aos jovens brasileiros a música de Love, The Doors, Jimi Hendrix, Moody Blues e The Zombies, entre outros. Já The Galaxies, banda com paulistas, americanos e ingleses, deixou um álbum com *covers* para Love e Donovan, mas também com temas autorais. O Código 90 era uma banda paulista que lançou um único compacto em 1967 ("Não me Encontrarás" / "Tempo Inútil"). Em disco, soavam como um grupo beat/Jovem Guarda, mas ao vivo caprichavam em improvisos psicodélicos e solos de teclados no melhor estilo The Doors. Já no final de 1968, outros nomes do rock nacional começavam, mesmo que timidamente, a seguir a antropofagia tropicalista promovida pelos baianos e pelos Mutantes.

Décadas depois, nomes esquecidos por anos começaram a ressurgir através de relançamentos de selos especializados, como é o caso de Serguei, que lançou compactos ultrajantes e revolucionários, com canções como "Eu Sou Psicodélico",

preview copy

"As Alucinações de Serguei", "Alfa Centauro", "Ouriço", "Burro-Côr-de Rosa" e "Maria Antonieta Sem Bolinhos". Em 1967, ele era o primeiro músico brasileiro a se auto proclamar "psicodélico". Isso o aproxima de Roky Erickson, por exemplo, cujo 13th Floor Elevators foi o primeiro grupo a se assumir praticante de "rock psicodélico", apenas um ano antes de Serguei e lá dentro das fronteiras do Texas. Kim Fowley, o primeiro artista a definir sua música como *psychedelic sound* em seu *single* "The Trip" (1965), também faz parte deste seleto clube, assim como Robby Krieger e John Densmore que, antes dos Doors (também em 1965), tocavam em um conjunto chamado The Psychedelic Rangers. Já o Holy Modal Rounders lançou, em 1964, uma versão de "Hesitation Blues" contendo o uso pioneiro do termo *psychodelic*.

Voltando ao Brasil, Fábio foi outro ícone dos primórdios da psicodelia nacional. Em 1968 ele surgiu com o compacto "Lindo Sonho Delirante (L.S.D.)". A sigla LSD foi também imortalizada na capa viajante do sete polegadas. Foi esse compacto e essa música que, evidentemente, inspiraram o nome deste livro que você tem em mãos.

Quando chegou 1971, pintou o primeiro filme *hippie* brasileiro, *Geração Bendita*, com uma trilha sonora psicodélica da banda Spectrum, de Nova Friburgo, Rio de Janeiro. Mas nessa altura a psicodelia já brilhava em todo o país. Do Rio Grande do Sul, com o Liverpool, até o Nordeste brasileiro, com uma cena riquíssima e radical que geraria seus primeiros frutos nos anos seguintes.

Ninguém cruzou de maneira mais emblemática a ponte entre a Jovem Guarda e o rock psicodélico como o galã Ronnie Von. Seu programa de TV, *O Pequeno Mundo de Ronnie Von*, marcou época e ganhou destaque por apresentar artistas diferentes daqueles que o programa *Jovem Guarda* costumava receber, dentre eles os futuros tropicalistas. Os Mutantes fizeram sua primeira apresentação no programa de Ronnie, ainda como Os Bruxos, e viraram atração permanente. Como Ronnie na época estava lendo *O Império dos Mutantes* e não falava em outro assunto, logo o grupo passou a ser chamado de Os Mutantes.

Mas Ronnie Von não se contentou com o batismo e tratou de "psicodelizar" a sua própria carreira a partir do seu disco de 1967, *Ronnie Von nº 3*, que contava com o acompanhamento dos Mutantes, Beat Boys e os arranjos de Rogério Duprat. Na sequência, lançou três obras essenciais do gênero por esses lados: *Ronnie Von* (1968), *A Misteriosa Luta do Reino de Parassempre Contra o Império de Nunca Mais* (1969) e *A Máquina Voadora* (1970). Alguns contestam, perguntando se ele realmente sabia o que fazia naquela altura, ou se era apenas um fantoche nas mãos de sua gravadora, mas será que isso realmente importa? O que importa é que esses discos foram redescobertos na década de 1990 e uma nova geração de músicos e colecionadores passou a acreditar que o Brasil, além de ter bananas, também tinha rock psicodélico.

Luiz Calanca, proprietário da loja e selo Baratos Afins, começou a mostrar para seus amigos esses discos de Ronnie Von, direto da sua preciosa coleção particular. Calanca já havia sido fundamental por ter relançado, nos anos 1980, os discos fora de catálogo dos Mutantes e de muitas outras bandas esquecidas por aqui, e por também ter reativado a carreira solo de Arnaldo Baptista após o seu traumático acidente.

Logo depois, colecionadores de discos, críticos de música e uma série de bandas novas também estavam exaltando os discos psicodélicos de Ronnie Von, considerado até então apenas um cantor romântico, e que, naquela altura, provavelmente ainda encarava aquela sua fase como uma espécie de delírio juvenil em tom de fracasso comercial.

A revista *Bizz*, principal publicação de música da época, decidiu colocar Os Mutantes na capa e escrever sobre a psicodelia nacional. O jornalista e pesquisador gaúcho Fernando Rosa escreveu boa parte do material e apresentou o gênero para muitas pessoas, tanto através da *Bizz* como pelo seu inestimável portal virtual *Senhor F.* Mais tarde, blogs e sites como *Brazilian Nuggets*, *Mopho Discos* e *Vinyl Tree* também passaram a espalhar informações preciosas sobre discos e compactos obscuros.

Para alguns, foi na virada do século que o rock psicodélico brasileiro de fato se estabeleceu, como cena atuante e confiante, ou até mesmo como um subgênero musical, tendo como trilha sonora grupos de todos os cantos do país, como Mopho, Júpiter Maçã, Laranja Freak, Os Skywalkers, Pipodélica, Os The Darma Lóvers etc.

Se como cena psicodélica, a exposição na mídia e aos olhos do grande público só aconteceu por volta do ano 2000, acredito que esses cem discos aqui resenhados, lançados entre 1968 e 1975, formem a discoteca básica dos primórdios do rock psicodélico brasileiro.

preview copy

As resenhas

Considerando o disco-manifesto, *Tropicalia ou Panis et Circencis* como uma espécie de marco zero da psicodelia autoral nacional, a garimpagem das cem obras contidas neste livro começa em 1968. Dos grandes álbuns da Tropicália, partimos rumo a uma jornada de oito anos, que termina no talvez mais raro e mitológico disco psicodélico brasileiro de todos, *Paêbirú: Caminho da Montanha do Sol*, lançado por Lula Côrtes e Zé Ramalho, em 1975. Claro que a psicodelia seguiu atraindo novos grupos e músicos depois disso e até hoje temos uma cena bem rica dentro do gênero, mas o que foi lançado pós-1975 ficou de fora desta obra meramente por questão de espaço. Por isso a ausência de nomes importantes como Flaviola e o Bando do Sol, Quintal de Clorofila, Aratanha Azul, Violeta de Outono etc.

Escolher os cem LPs e compactos lançados entre o período 1968-1975 acabou sendo uma árdua tarefa, não somente pelo fato de garimpar, reouvir, analisar e contextualizar cada obra, mas também pelo mero caráter de escolha. O que incluir? O que deixar de fora?

No fim, a escolha sempre acaba sendo pessoal, mas o que conforta é que, no fundo, o bacana das listas é sempre discordar e ressaltar o que de fato ficou de fora delas. Portanto, fique à vontade para se deliciar, mas também confrontar o que virá pelas próximas páginas.

Um problema quando se tem a tarefa de escolher os discos mais representativos de um determinado período é a repetição de uma mesma história ou fato. Todos os artistas, grupos e discos possuem uma história própria a ser contada, mas algumas delas foram excluídas para que outras fossem incluídas. Ocasionalmente, um disco ficou de fora apenas por ser similar a outro superior, que entrou no livro. Artistas bem documentados figuram com nomes obscuros, visando assim criar uma abrangência maior do período.

Muitos discos brasileiros com influência psicodélica ficaram de fora, mas é bom ressaltar que priorizei alguns fatores na seleção. Um disco, ou um compacto, com composições autorais e cantadas em português foi priorizado em relação a um trabalho contendo diversas versões, ou *covers*, de canções internacionais. Por isso a ausência de grupos como Os Baobás e Red Snakes.

A arte gráfica também pesou em alguns casos, pois uma bela capa psicodélica acaba dando um empurrãozinho em um trabalho não inteiramente psicodélico, por exemplo. Efeitos ousados de estúdio, produção e arranjos inventivos, guitarras com distorção e *wah-wah*, letras surrealistas e um conceito amarrando a obra também pesaram nas escolhas, assim como a influência de aditivos químicos aliados à vontade de romper barreiras.

Evidentemente, o conceito do que é, ou não é, "psicodélico", acaba sendo subjetivo. Se o critério tivesse sido radical, provavelmente eu teria ficado com 20 ou 30 discos psicodélicos brasileiros para resenhar neste livro. Mas esse não foi o intuito. A ideia foi contextualizar, expandir e criar um panorama abrangente. Por essa razão que você irá encontrar discos como *Clube da Esquina*, *Sonho 70*, *Moto Perpétuo*, *Arthur Verocai*, *Secos & Molhados* e *Lar de Maravilhas* nas próximas páginas.

Cada um dos cem discos traz textos em português e inglês, e um cabeçalho contendo o nome do grupo/artista, nome do disco/compacto, selo, número de série da prensagem original e ano de lançamento. A ordem de apresentação dos álbuns é cronológica e não alfabética.

preview copy

Aviso

O esforço realizado durante a produção desta obra foi para garantir a confiabilidade das informações aqui contidas. Em alguns casos, os próprios artistas contribuíram com detalhes e informações. De qualquer maneira, é impossível assegurar que as informações são 100% corretas. Por isso, aproveito para, de antemão, pedir desculpas por qualquer possível erro contido no livro. Em relação à reprodução das capas dos discos contidos nesta obra, são fotos, ou imagens escaneadas, da coleção particular do autor e de seus colaboradores.

Introduction

The search for the new has always driven humankind, but in the 1960s, this quest gained greater intensity. In the universe of popular art, it was a time of overwhelming creativity. In music, especially in the second half of the decade, mind-altering drugs started having a crucial role, serving as fuel to expand the perceptions of musicians and songwriters. When, in 1966, the Beatles ended their *Revolver* album with "Tomorrow Never Knows", the music world entered its technicolour era.

In Brazil, like any other place with its eyes and ears turned to "Swinging London", the psychedelic influence of the Beatles hit like a ton of bricks. The first echoes were heard already in 1966, but it was in the following year, with the release of *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, that Brazilians began tracing their own psychedelic path with Tropicália.

But were the Beatles the only ones responsible for sparking this revolution in Brazil? Definitely not. Brazil is a psychedelic country by nature. To claim that Brazil just copied the psychedelic rock produced in the US and the UK is like saying that an Indian psychedelic rock band copied George Harrison for using sitars in their sound. Like the traditional Greek, Turkish, Arab, and Indian styles of music that have psychedelic nuances in their roots, Brazilian regional music also had its own hypnotic sounds, produced by instruments such as *viola caipira*, *berimbau* and *cuíca*, among others.

The renovation of our artistic language started happening at the *Modern Art Week*, an arts festival held at the Municipal Theatre, in São Paulo, in February 1922, in which a talented group of radical and controversial artists embraced modernism and liberating ideas. The result was a desire for a national identity and free form of expression. These attitudes reflected on the Tropicalistas who took the Brazilian scene by storm in 1968.

Just like had happened in 1922, a large part of the conservative media reacted negatively to the ideals of Gilberto Gil, Caetano Veloso, Os Mutantes and Rogério Duprat. Like Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Victor Brecheret, Heitor Villa-Lobos, Tácito de Almeida, Di Cavalcanti and Tarsila do Amaral, the Tropicalistas could also be labelled as "art subverters", "weak-spirited cretins", or "devilish futurists".

Originally, the anthropophagic movement, spearheaded by Oswald de Andrade, promoted the deglutition of foreign culture. Poking fun at the Brazilian elite's submission to the developed countries, Oswald proposed the "cultural devouring of the techniques imported from the developed countries in order to rework them autonomously, converting them into export products".

It is evident that both Tropicália and bossa nova owe much to the modernists, for their anthropophagic lessons, translating the influence of North-American music into the Brazilian language of samba and baião. If the sophistication of bossa nova at first attracted the Rio de Janeiro upper class, the psychedelic sounds created by the Tropicalistas generated an underground revolution, which years later would result in the radical Pernambuco psychedelic scene led by Lula Côrtes, Lailson de Holanda, Marconi Notaro, Flávio Lira (Flaviola) and others. These artists are now almost as revered by record collectors around the world as the psychedelic rock giants from San Francisco.

Yes, we did assimilate foreign psychedelic rock, but after ruminating the Beatles, we regurgitated Os Mutantes, our most popular rock group. Our tropical Magical Mystery Tour driver, Rogério Duprat, used to say without hesitation that Os Mutantes were even better than the Beatles in terms of inventiveness and humour. Back then, people dismissed this as just some trippy reverie, but many years later people like Kurt Cobain and even Sean Lennon would endorse the surrealistic maestro's opinion.

If psychedelia wasn't already a part of our culture, then how can we explain Carmen Miranda, Chacrinha, Grande Otelo, Glauber Rocha and even our Carnival parades? Chacrinha, for instance, an iconic pop figure from Pernambuco and our most far-out TV entertainer, offered a Dadaist experience to the masses, with his scenic freedom and a discourse that was as absurd as it was brilliant. Throwing codfish, fruits

preview copy

and vegetables at his audience, Chacrinha was the antithesis of a TV star and immortalized the catchphrase "Alegria, Alegria", which christened the song that became an early milestone of Tropicália. Caetano Veloso dove headfirst into this anthropophagic feast and blended Chacrinha's commandments with Coca-Cola and pop culture references. When he premiered the song on Record TV's *III Festival de Música Popular Brasileira*, in 1967, backed by Argentinean rockers Beat Boys, the audience knew they were witnessing musical history.

It is also important to stress the influence of these festivals, which back then were musical competitions organized and broadcast by the main TV stations, in which a considerable number of upcoming singers and songwriters gained national exposure every year. Some even dared to present protest songs about the tense political and social moment the country was going through.

Caetano Veloso and his Tropicália peers broke away from the traditional Brazilian Popular Music (MPB) scene, seeking new sounds and aesthetic languages. The manifesto-album *Tropicalia ou Panis et Circencis*, recorded in May 1968, in São Paulo, was their most important statement. Joining forces with Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Nara Leão, Os Mutantes and Tom Zé, were poets Capinam and Torquato Neto and maestro Rogério Duprat.

Retaliation came not only from the most conservative wing of MPB (led then by Elis Regina), but also from the military government. Even with the forced exile of the subversive psychedelic duo (Caetano and Gil), the lysergic music phenomenon gained strength among young Brazilian bands and artists who were emerging all over the country.

Because of their supporting role behind Caetano and Gil, both on records and festivals, and their endless creativity, Os Mutantes quickly become the country's most popular rock band. Inventive, humorous, whimsical, tuned-in and eccentric, Os Mutantes were virtuoso musicians who really knew everything that was going on in British and American rock. As Caetano used to say, they were the face of '60s Brazilian pop while already sounding like the Beatles of "A Day in the Life". The Baptista brothers, Arnaldo and Sérgio, inherited classical music's discipline and technique from their mother, a concert pianist. Thanks to their older brother, inventor Cláudio César, they had tailor-made musical instruments and equipment that could rival the amplifiers and effect pedals used by the Beatles and Jimi Hendrix. Os Mutantes came from the traditional Pompéia neighbourhood, in São Paulo. It soon became clear that many others rock groups would emerge from the city, most of them influenced by British and North-American rock.

But in 1966, two years before the Tropicália explosion, psychedelic sounds could already be heard in the city. Groups like Código 90, The Beatniks, Os Baobás, Os Abstratos, Sinc Sunt Res, Loupha and The Galaxies, all started including cover versions of international psychedelic rock songs in their repertoires. The Beatniks, for instance, became the official house band of the *Jovem Guarda* TV show. They went on to release two singles and one EP, which among them included versions of "Gloria" (Them), "Fire" (The Jimi Hendrix Experience), "Outside Chance" (The Turtles) and an awesome self-penned proto-punk song, "Alligator Hat", with tons of fuzz guitar. Os Baobás, a group who had backed Caetano Veloso and Ronnie Von, released five singles and one LP, introducing the music of Love, The Doors, Jimi Hendrix, The Moody Blues and The Zombies to many young Brazilian fans. The Galaxies, also hailing from São Paulo, but with some American and British musicians in their lineup, released an album that included covers of Love and Donovan, but also some self-penned songs. Código 90, also from São Paulo, released just one single, in 1967 ("Não Me Encontrarás" / "Tempo Inútil"). On vinyl they sounded like a beat or Jovem Guarda group, but on stage they would go into wild psychedelic improvisations, with Doors-style keyboard solos. Even if timidly, around 1968, other Brazilian acts had started following the Tropicalista steps of Os Mutantes and the boys from Bahia.

Decades later, some long-forgotten names started being rescued by international reissue labels. One of them was

preview copy

Serguei, who released a few outrageous and revolutionary singles with songs like "Eu Sou Psicodélico" (I Am Psychedelic), "As Alucinações de Serguei" (The Hallucinations of Serguei), "Alfa Centauro", "Ouriço", "Burro-Côr-de Rosa" and "Maria Antonieta Sem Bolinhos". In 1967 he became the first self-proclaimed "psychedelic" rock musician in Brazil. This draws a comparison with Roky Erickson, whose 13th Floor Elevators was the first band to call their own music "psychedelic rock," just a year before Serguei and inside the borders of Texas. Kim Fowley, the first artist to define his music as "psychedelic sound", on his 1965 "The Trip" single, is also a member of this select club, as well as Robby Krieger and John Densmore, who before The Doors, and also in 1965, played in a group called The Psychedelic Rangers. And what about the Holy Modal Rounders, who in 1964 released a version of "Hesitation Blues" containing the first use of the term "psycho-delic"?

Back to Brazil, Fábio was another key figure of the early Brazilian psychedelic scene. In 1968, he launched his artistic career with the single "Lindo Sonho Delirante" whose initials formed the LSD acronym, properly immortalized on its seven-inch sleeve. Of course, it was this single that inspired the name of the book that you now hold in your hands.

In 1971 came the first Brazilian hippie movie *Geração Bendita*, with an original psychedelic soundtrack by Spectrum, a band from Nova Friburgo, Rio de Janeiro. By then, psychedelic rock was already shining all across the country. From Rio Grande do Sul, with Liverpool, to the Northeast with a rich and radical scene that would blossom in the following years.

But no one crossed the bridge between Jovem Guarda and psychedelic rock like Ronnie Von. His TV show *O Pequeno Mundo de Ronnie Von* was responsible for introducing many unusual bands, some of them very different from those on the rival *Jovem Guarda* TV show, which was presented by Roberto Carlos, Erasmo Carlos and Wanderléa. Os Mutantes made their first televised appearance on Von's show still under the Os Bruxos moniker, and became a permanent attraction. Since Ronnie was reading the book *O Império dos Mutantes* at the time and constantly talking about the topic, the group came to be called by Os Mutantes.

But Ronnie Von wasn't happy with just naming Os Mutantes and tried to bring some of that psychedelic vibe into his own musical career, releasing three essential albums: *Ronnie Von* (1968), *A Misteriosa Luta do Reino de Parassempre Contra o Império de Nunca Mais* (1969) and *A Máquina Voadora* (1970). Some may question if he really knew what he was doing back then, or if he was just a puppet in the hands of the record label, but does it really matter? What matters is that these three records were rediscovered in the '90s and a whole new generation of musicians and record collectors found out that Brazil also had its own psychedelic rock scene.

Luiz Calanca, owner and curator of record store and indie label Baratos Afins, started showing these Ronnie Von albums to friends, straight from his private collection. Calanca had already been crucial for the Brazilian psychedelic rock scene in the '80s, when he reissued the long out-of-print Os Mutantes catalogue on vinyl, as well as many other forgotten artists. He also put Arnaldo Baptista's solo career back on track after Arnaldo's traumatic accident. Soon after, many record collectors, music critics and new bands were also celebrating Ronnie Von's psychedelic records. He, who was so far only considered a romantic singer, probably still regarded that phase of his career as a kind of youthful misstep, not to mention a complete commercial failure.

In 2000, *Bizz*, the leading music magazine at the time, put Os Mutantes on its cover along with an article about the local psychedelic rock scene. Journalist and researcher Fernando Rosa wrote some of the material and introduced the genre to many people, both through *Bizz* and his invaluable website, *Senhor F*. Blogs and websites such as *Brazilian Nuggets*, *Mopho Discos* and *Vinyl Tree* started spreading the word about many obscure records and singles. For some people it was around the year 2000 that Brazilian psychedelic rock finally became established as an active and confident scene, or even as a music subgenre, with its own soundtrack provided by bands from all corners of the country like Mopho, Júpiter Maçã, Laranja Freak, Os Skywalkers, Pipodélica, and Os The Darma Lóvers, among others.

If a fully formed psychedelic scene only came about in the beginning of this century, I believe the 100 records presented here, released between 1968 and 1975, represent an essential discography of the beginnings of Brazilian psychedelic rock.

preview copy

The Reviews

Considering the manifesto-album, *Tropicalia ou Panis et Circencis* as a sort of ground zero of Brazilian psychedelic music, our digging begins in 1968. From *Tropicalia ou Panis et Circencis* we set off on a journey of eight years, ending at what is maybe the rarest and most mythological Brazilian psychedelic album of all, 1975's *Paêbirú: Caminho da Montanha do Sol*, by Lula Côrtes and Zé Ramalho.

Of course Brazilian psychedelic rock continued after 1975, with many new bands and musicians keeping the scene alive until today. However, everything that was released post-1975 had to be left out due to space limitations. That is why fundamental acts such as Flaviola e o Bando do Sol, Quintal de Clorofila, Aratanha Azul and Violeta de Outono are absent here.

Picking these 100 LPs, EPs and singles released between 1968 and 1975 turned out to be a tough job, not only because of all the re-listening, analysing, compiling, contextualizing and reviewing involved, but also the responsibility of choosing them. What to include? What to leave out?

Ultimately, these choices always end up being purely personal, but that is the cool thing about music lists. Everyone has their own opinions about what should be included or left out. Therefore, enjoy these next pages and feel free to disagree!

A problem that arises when you have the task of choosing the most representative records of a given period is the repetition of a same story or fact. All artists, bands and their albums have their own stories to tell, but some of them had to be excluded so that others could be included. Occasionally, I left a record out only because of its similarity to another (better) album that is already included in the book. Well-documented artists appear alongside other more obscure names, thus resulting in a broader view of the scene.

Many psychedelic-influenced Brazilian albums were left out, but it is important to note that I prioritized certain factors in my selection. A record by a band or artist who wrote their own songs in Portuguese was a better choice for my ears than albums full of covers of international hits. That is the reason for the absence of groups like Os Baobás and Red Snakes.

The artwork was also considered in some cases. A beautiful and psychedelic record sleeve sometimes gave that extra push to a not entirely psychedelic record, for example. Crazy studio effects and production, inventive arrangements, wah-wah guitars, surrealistic dreamy lyrics and a whimsical concept tying everything were also considered, as well as the influence of chemical substances combined with a desire to break the rules.

Each entry was written in Portuguese and English, and comes with a header containing group/artist name, record title, its label, year of release and original catalogue number. The 100 records are presented in chronological order, not alphabetical.

Notice

Every effort was made to ensure the accuracy of the information presented in this book. In some cases, the artists themselves contributed with precious details and information. In any case, it is impossible to guarantee that all the information in this book is 100% correct. Therefore, let me apologize beforehand for any possible mistakes.

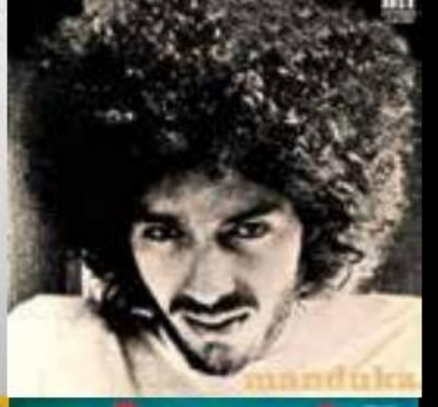
The reproductions of the record covers contained in the book are photographs of items from the private collection of the author and his collaborators.

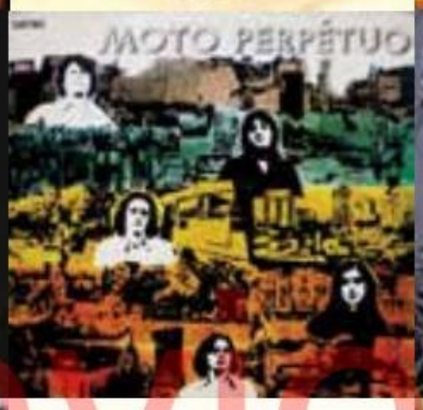
preview copy

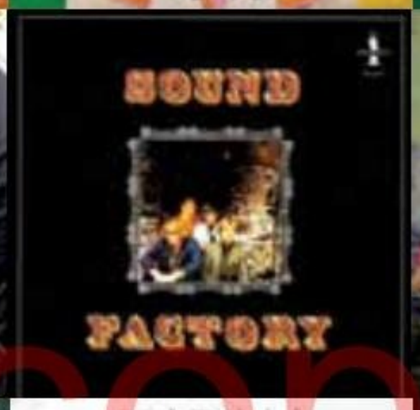
Agradecimentos / Acknowledgments

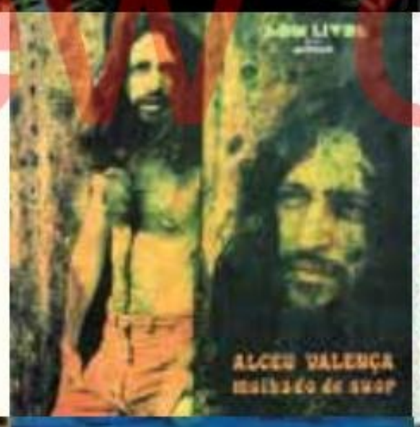
Agradecimentos àqueles que compartilham um louvável conhecimento sobre o período abordado nesta obra e que ajudaram com dicas, informações preciosas, inspiração e também cedendo capas de discos de suas coleções. *Thanks to those who shared their precious knowledge about the period covered in this book:*
Luiz Calanca, Luiz Antonio Torge (Rato), Ray Captain, José Damiano, William Cook, Ed Motta, João Pacheco (Captain Trips) Nelio Rodrigues, Fernando Rosa, Vernon Joynson, Carlinhos Disco 7, Márcio Rocha, Richard Morton Jack, Craifer Cleiton Rai Ferreira, Lev Kazartsev, Fabricio Bizu, Joel Stones, Egon, Fábio Peraçoli, Hans Pokora, Ricardo Alpendre, Sérgio Alpendre, Fábio Massari, Cristiano Grimaldi, Eduardo Lemos, Andre Torres, Thorsten Bednarz, Gilles Peterson, Diaz, Marco Antonio Gonçalves, Wagner Xavier, Fabiano Oliveira, James Learmonth, Fábio, Pedro Baldanza, Joel Fontenelle Macedo e Luiz Carlos Maciel.
Agradecimentos especiais também a Victor Bernardes, Maria Estrella, Martins Araujo, Marcio Abbês, Edgard Piccoli, Marcus Nocker, Gastão Moreira, Silvia Hayashi, Paula Bartorelli, Aldo Urbinati, Wilson Matsura, Diego Borin Reeberg e Vivian Costa.

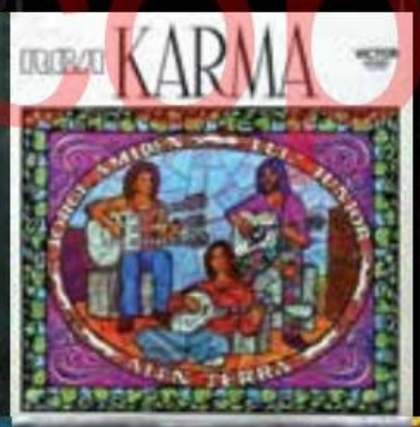
preview copy

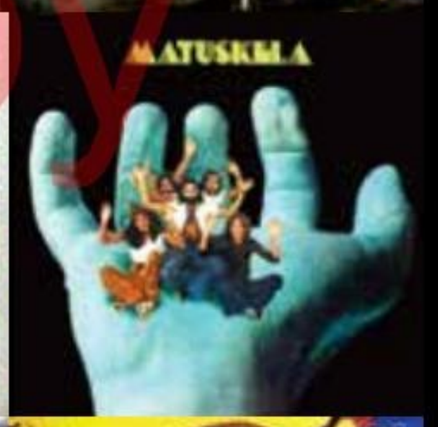


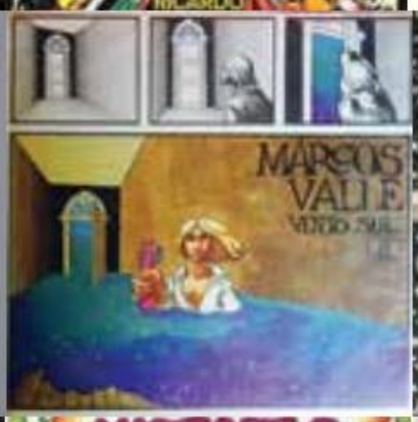


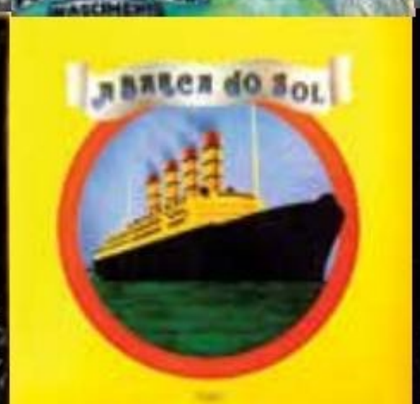












GERALDO
BELDRITA

TROPICALIA
OU PANIS ET CIRCENSIS

LULA CÔRTES E ZÉ RAMALHO

Os Mutantes

PAULO
BAGUNÇA
E A TROPA MALOTA

bango

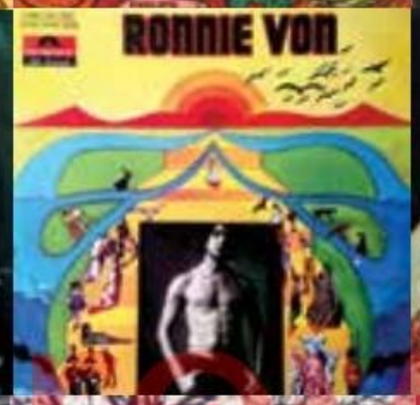
Marconi Notaro
NO SUL REINO
DOS METAZOÁRIOS

CAETANO VELOSO

LSD
LINDO SONHO DELIRANTE
O RELOGINHO
Fabio

TRIBO MASSÁHI
EMBAIXADOR

km
110

BEM NOSSO DE CADUARIA

RONNIE VON

PERSONA

gal costa

SESSÃO DA 19

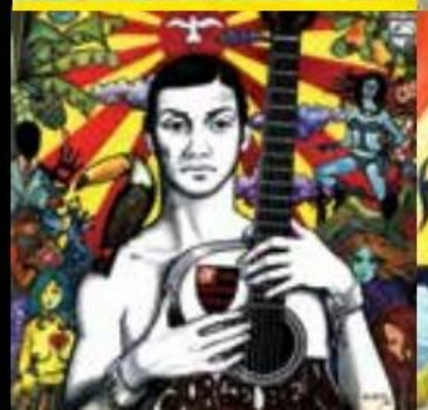
BRAZILIAN OCTOPUS

ATA SANKRA

POSIÇÕES

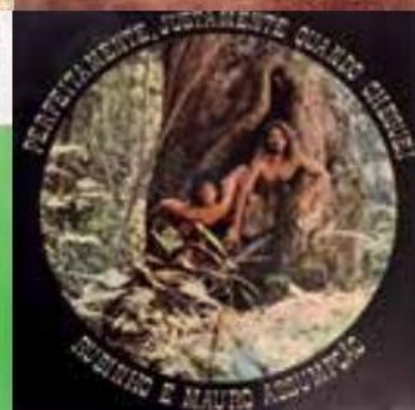
RCA
VICTOR
APOLO
quarteto nova era

NOVOS BÁRBAROS



FREE-SON

CRISTINA
ERASMO...

THE GENTLEMEN
CRISTINA


Tropicalia ou Panis et Circencis

VÁRIOS

Philips R 765.040 L
1968

Lado / Side 1

1 - Miserere Nóbis
2 - Coração Materno
3 - Panis et Circenses
4 - Lindonéia
5 - Parque Industrial
6 - Geléia Geral

Lado / Side 2

1 – Baby
2 - Três Caravelas
[Las Três Carabelas]
3 - Enquanto Seu
Lobo não Vem
4 - Mamãe, Coragem
5 - Bat Macumba
6 - Hino do Senhor
do Bonfim

O disco coletivo gravado em São Paulo, em maio de 1968, foi um projeto coordenado por Caetano Veloso, que selecionou o repertório de composições de Gilberto Gil, Torquato Neto, Capinam, Tom Zé e dele próprio. Os arranjos ficaram sob os cuidados de Rogério Duprat e a produção foi conduzida por Manoel Barenbein. Duprat, inclusive, mostrava que seria fundamental nas grandes produções tropicalistas/psicodélicas, costurando as canções com arranjos, colagens sonoras, contrapontos debochados e irreverência. Tudo carregado de uma afinidade poética salutar, em sincronicidade com o sarcasmo alegórico criado pelos artistas envolvidos, todos ávidos em retratar seu peculiar país.

A interpretação de Gal Costa em "Baby" levou tanto o próprio autor (Caetano), como Gil, aos prantos. "Parque Industrial", de Tom Zé, dava o tom *underground* necessário ao disco e Os Mutantes, presentes em cinco das 12 faixas, provavam ser a banda definitiva do movimento. A capa acabou se tornando outro marco, flagrando Duprat tomando chá em um penico e os ausentes Capinam e Nara Leão emoldurados. Na contracapa, um roteiro cinematográfico lisérgico e fictício de Caetano e Torquato Neto dava o toque final da viagem antropofágica varonil.

No ano do AI-5, o álbum, crucial por expôr incoerências entre cafonice e concretismo, *mainstream* e *underground*, o novo e o tradicional, mais "confundiu" do que "explicou", como dizia a popular citação de Chacrinha. Mas nada importava, pois a revolução havia finalmente começado dentro da música brasileira.

The collective album recorded in São Paulo, in May 1968, was a project driven by Caetano Veloso, who selected a repertoire of compositions by Gilberto Gil, Torquato Neto, Capinam and Tom Zé, as well as his own. Arranged by Rogério Duprat and produced by Manoel Barenbein, the record showed how Duprat would be crucial in psychedelic productions, embellishing the songs with skilled arrangements, sound collages and much irreverence. All loaded with poetic affinity, in synchronicity with the allegorical sarcasm created by the artists involved, all eager to show how peculiar their nation was.

Gal Costa's interpretation of "Baby" brought both Caetano (who wrote the song) and Gil to tears. "Parque Industrial", by Tom Zé, brought a necessary underground feel to such a musical manifesto, and Os Mutantes, present in five of the 12 tracks, proved they were the quintessential band from the scene. The artwork turned out to be another milestone, with Duprat drinking tea from a chamber pot and the absent Capinam and Nara Leão shown in picture frames. On the back cover, a lysergic and fictional screenplay by Caetano and Torquato Neto gave the final touch to this "anthropophagic" trip.

In the year of AI-5 (the most violent decree issued by the military government), the album – crucial for exposing inconsistencies between kitsch and concrete art, mainstream and underground, the new and the traditional – "confusing" more than "explaining," as the popular quote from Chacrinha (Brazil's craziest TV presenter) says. But nothing really mattered because the revolution in Brazilian music had finally begun.

preview copy

Preview Copy

Os Mutantes

OS MUTANTES

Polydor LPNG 44.018
1968

Lado / Side 1

1 - Panis et Circenses
2 - A Minha Menina
3 - O Relógio
4 - Maria Fulô
5 - Baby
6 - Senhor F

Lado / Side 2

1 - Bat Macumba
2 - Le Premier Bonheur du Jour
3 - Trem Fantasma
4 - Tempo no Tempo
5 - Ave Gengis Khan

Graças a entusiastas como David Byrne, Kurt Cobain, Björk e Sean Lennon, Os Mutantes ganharam um enorme culto fora do Brasil. Depois de algumas décadas esquecida mesmo dentro do *mainstream* brasileiro, a banda voltou a povoar o imaginário popular como o que o país tropical teve de melhor em termos de rock, psicodelia, inovação e irreverência.

Os Mutantes, a estreia de 1968, funciona como uma sequência natural do disco manifesto daquele mesmo ano, *Tropicalia ou Panis et Circencis*. Tanto que a banda abre oficialmente a sua discografia com "Panis et Circenses" e o que vem a seguir são temas autorais e mais parcerias com os tropicalistas Caetano Veloso, Gilberto Gil e Jorge Ben.

Muito da genialidade do disco está na parceria entre Rita Lee e os irmãos Arnaldo Baptista e Sérgio Dias com o produtor Manoel Barenbein e o maestro Rogério Duprat, que arranjou tudo, capturou som ambiente e ainda manipulou fitas – tudo isso com apenas quatro canais disponíveis. "Panis et Circenses", "A Minha Menina", "Baby", "Senhor F", "Bat Macumba" e "Trem Fantasma" são algumas das pérolas contidas em *Os Mutantes*, que logo virou referência dentro do rock nacional.

Beatles, folclore nordestino, chanson, camdomblé, Mothers of Invention, Velvet Underground, Banda de Pífanos de Caruaru, Chacrinha… Não havia limite para o caldeirão mutante, era pura antropofagia, anos-luz adiante da Jovem Guarda, definitivamente enterrada com este disco. O que eles regurgitaram aqui ainda ecoa pelos quatro cantos do planeta.

Thanks to admirers like David Byrne, Kurt Cobain, Björk and Sean Lennon, Os Mutantes gained a huge cult following outside Brazil. Forgotten for a few decades even in Brazil, the band regained great popular acclaim as the best act this country has produced in terms of rock, psychedelia, innovation and irreverence.

Os Mutantes, their 1968 debut album, can be considered a sort of *Tropicalia ou Panis et Circencis* "Part Two". So much so that the band here officially opens its discography with "Panis et Circenses" and what follows are band compositions and more partnerships with Tropicalistas like Caetano Veloso, Gilberto Gil and Jorge Ben.

Much of the record's outstanding inventiveness lies in the partnership of Rita Lee and brothers Arnaldo Baptista and Sérgio Dias with producer Manoel Barenbein and maestro Rogério Duprat, who arranged all the music, captured wild ambience sounds and manipulated tapes - all with just four tracks available in his music console. "Panis et Circenses", "A Minha Menina", "Baby", "Senhor F", "Bat Macumba" and "Trem Fantasma" are some of the gems contained in *Os Mutantes*, which soon became a huge reference in the rock scene.

The Beatles, northeastern folk, French chanson, candomblé, Tropicália, The Mothers of Invention, The Velvet Underground, Banda de Pífanos de Caruaru, The Mamas & The Papas, Chacrinha... There were no limits to the mutant cauldron, pure lysergic "anthropophagy", light years ahead of the Jovem Guarda movement, which was all but forgotten after this record. What they regurgitated here still echoes today in the four corners of the planet.

preview copy

LPNG 44.018
Polydor
de luxe
preview copy
© 1968
Os Mutantes

Lindo Sonho Delirante
O Reloginho

FÁBIO

RCA Victor LC 6412
1968

Lado / Side A

1 - Lindo Sonho Delirante (L.S.D.)

Lado / Side B

1 - O Reloginho

Juan Senon Rolón nasceu no Paraguai, mas na década de 1960 conquistou seu primeiro feito: convenceu sua mãe que precisava estudar em São Paulo, a maior metrópole da América do Sul. Chegando ao Brasil, foi trabalhar no rádio e passou a cantar pela noite paulistana, onde conheceu Tim Maia, que o introduziu à música negra norte-americana. Em 1967, o poderoso e mítico Carlos Imperial escutou "Juancito" cantando. Convidou o garoto a se mudar para o Rio de Janeiro e adotar um novo nome artístico: Fábio.

No ano seguinte, Fábio e Imperial escreveram a canção "Lindo Sonho Delirante (L.S.D.)", um marco do soul psicodélico nacional, que em disco tinha o acompanhamento dos Fevers. "Lindo sonho delirante, hoje eu quero viajar, yeah" era o refrão cantado por Fábio, que, em pleno ano de implatação do AI-5, conseguiu driblar a censura e lançar essa ultrajante travessura em formato compacto. Apesar de "ingenuamente" ser apenas as iniciais do nome original da música, a sigla aparecia com total destaque na provocativa capa do sete polegadas, que para alguns, funcionava como um convite ao uso de LSD.

O compacto não vendeu, as pessoas tinham receio de comprá-lo e levá-lo para escutar em casa, mas serviu para chamar a atenção dos malucões de plantão. Não é à toa que, dali pra frente, bastaria um estalar de dedos de Fábio para que grupos como Os Mutantes, A Bolha e O Terço o acompanhassem em diversas gravações. Na sequência, ele lançaria seu sucesso "Stella", e seu LP *Os Frutos de Mi Tierra*.

Juan Senon Rolón was born in Paraguay, but in the sixties he accomplished his first major feat: he convinced his mother that he needed to study in São Paulo, the largest South American metropolis. He quickly found a job in radio and began to sing at the many São Paulo nightclubs, where he met Tim Maia, who introduced him to the black music from North America. A long and prolific friendship began. In 1967, the powerful and mythical Carlos Imperial heard "Juancito" singing. Imperial invited him to move to Rio de Janeiro and adopt a new stage name: Fábio. The following year, the duo wrote the song "Lindo Sonho Delirante (L.S.D.)", a Brazilian psychedelic soul landmark, backed on record by The Fevers.

"Beautiful delirious dream, I want to trip today, yeah" was the chorus sang by Fábio, who in the year of the AI-5 decree, managed to dodge censorship and release this outrageous single that, for some, represented an invitation to LSD use. Although they were just the initials of the song title, the letters LSD appeared with full emphasis on the seven-inch cover, above everything else, over a blood red background.

The single did not sell well (people were wary of buying it and taking it to listen at home) but it served to draw the attention of the freaky crowd. It is no wonder that from then on a snap of Fábio's fingers would be enough for groups like Os Mutantes, A Bolha and O Terço to back him on several recordings. The following year he would release the hit song "Stella", and in 1972 his first full LP: *Os Frutos de Mi Tierra.*

preview copy

LSD

LINDO SONHO DELIRANTE

Ronnie Von

RONNIE VON

Polydor LPNG 44.022
1968

Lado / Side 1

1 - Meu Novo Cantar
2 - Chega de Tudo
3 - Espelhos Quebrados
4 - Silvia: 20 Horas, Domingo
5 - Menina de Tranças
6a - Nada de Novo
6b - Lábios que Beijei

Lado / Side 2

1 - Esperança de Cantar
2 - Anarquia
3 - Mil Novecentos e Além
4 - Tristeza num Dia Alegre
5 - Contudo, Todavia
6 - Canto de Despedida

Não é exagero dizer que Ronnie Von foi o responsável pelo ressurgimento e resgate da psicodelia brasileira além do reino da Tropicália. Nos anos 1990, Ronnie teve sua então obscura fase psicodélica redescoberta e reverenciada por colecionadores de discos e por uma nova geração de músicos. Este foi o primeiro dos três álbuns daquela fase, considerado um fracasso comercial por décadas, ou um mero deslize juvenil e artístico do cantor. Mas Ronnie possuía credenciais suficientes para mergulhar nos delírios da psicodelia e no universo colorido do Sargento Pimenta. Fã de Beatles e do rock britânico, ele tinha acesso a vários discos importados. As audições viraram influência direta e o cantor, acompanhado dos arranjos e da direção musical de Damiano Cozzella, criou uma pequena obra-prima do pop surrealista brasileiro.

"Silvia: 20 Horas, Domingo" foi o hino dessa fase, com sua melodia ainda ecoando a Jovem Guarda (que ele oficialmente não fez parte), mas com todo o resto apontando para o futuro. O *fuzz* da guitarra nessa faixa é algo que deveria ser tombado por algum órgão nacional. "Espelhos Quebrados" é a nossa "Eleanor Rigby", enquanto "Esperança de Cantar" reverencia o Procol Harum. *The Who Sell Out*, do The Who, também foi uma das influências, principalmente nas vinhetas publicitárias radiofônicas fictícias.

Em "Anarquia" ele canta: "Quem manda hoje somos nós, mais ninguém, e não ligamos pra quem vai e quem vem atrapalhar. E assim nós iremos adiante". Profético.

Ronnie Von was responsible for the Brazilian psychedelic rock revival beyond the realms of Tropicália. In the '90s, many record collectors and young musicians rediscovered and revered Ronnie's lost psychedelic era. This was the first of three albums from that period, considered a commercial failure for decades, or a mere artistic misstep in the singer's career.

But Ronnie had enough credentials to dive deep into psychedelia and the colourful universe of Sergeant Pepper. A Beatles and British rock aficionado, with access to many imported albums, Ronnie took great inspiration in his musical heroes and, with the arrangements and musical direction of Damiano Cozzella, created a surrealist pop masterpiece. "Silvia: 20 Horas, Domingo" was the anthem of this stage of his career, its melody still echoing Jovem Guarda sounds, but everything else pointing into the future. The fuzz guitar here is something that should be listed as a cultural heritage of psychedelia. "Espelhos Quebrados" is our "Eleanor Rigby", while "Esperança de Cantar" is a ride in the Procol Harum territory. *The Who Sell Out* was also one of the main influences, especially its fictional radio advertising vignettes. But Ronnie imprints much of his own personality in "Meu Novo Cantar", "Chega de Tudo" and "Mil Novecentos e Além". In the great "Anarquia" he sings: "We make the rules today, no one else, and we don't care who gets in our way. So we're moving forward." Prophetic.

preview copy

preview copy

Krishnanda

PEDRO SANTOS

CBS 37564
1968

Lado / Side 1

1 - Ritual Negro
2 - Agua Viva
3 - Um Só
4 - Sem Sombra
5 - Savana
6 - Advertência

Lado / Side 2

1 - Quem Sou Eu?
2 - Flor de Lotus
3 - Dentro da Selva
4 - Desengano da Vista
5 - Dual
6 - Arabindu

Percussionista "fora de órbita", compositor, criador de instrumentos, poeta, filósofo, artista plástico e *performer* visionário, Pedro Santos, ou Sorongo, como era conhecido, tocou, gravou e teve suas composições registradas por Baden Powell, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Paulinho da Viola, Dom Salvador, Arthur Verocai, Paul Simon, Jards Macalé, Passport etc.

Respeitado ritmista, não sabia nada de teoria musical, mas transformava em música tudo o que caía em suas mãos, inclusive criando instrumentos como bambussom, berimboca, criançola, somn'água e o popular sorongo. Foi com esses instrumentos e sua criatividade sem limites que registrou *Krishnanda*, em apenas três canais, seu primeiro e único elepê solo.

Krishnanda é uma experiência sensorial e mística por ritmos que parecem ter surgido de algum plano desconhecido, mas com uma raiz muito forte na música africana, indígena e cósmica. Da arte gráfica surreal (de sua autoria) até as 12 faixas, *Krishnanda* é a manifestação pura da essência musical enigmática de Pedro "Sorongo" Santos.

Naquele final de década de 1960, o álbum não foi bem aceito por crítica e público, que insistiam em preconceitos do tipo: "Onde já se viu um percussionista ser compositor e ter um disco solo?". *Krishnanda* ficou esquecido por décadas, até ser redescoberto primeiro na Europa, e depois no Brasil, onde foi relançado recentemente.

Triste e frustrado, Pedro Santos morreu em 1993.

"Out of this world" percussionist, instrument creator, visionary composer, poet, philosopher, plastic artist and performer, Pedro Santos, aka Sorongo, played and recorded with and had his compositions recorded by Baden Powell, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Paulinho da Viola, Dom Salvador, Arthur Verocai, Paul Simon, Jards Macalé and Passport, among others.

A respected rhythmist, he didn't know any musical theory, but turned everything that fell into his hands into music, even creating new instruments such as *bambussom, berimboca, criançola, somn'água* and the popular *sorongo*. It was with these instruments and Santos's boundless creativity that *Krishnanda* was recorded, his first, only, and pioneering solo LP.

Krishnanda is a mystical experience of rhythms that seems to have been sparked from some unknown galaxy, but very strongly rooted in African, indigenous and cosmic music. From its amazing artwork, that he created himself, to its 12 tracks, the album is the pure manifestation of the enigmatic musical essence of Pedro "Sorongo" Santos.

At the end of the '60s, the record was not well received by music critics and the general public, who had prejudicial feelings about a percussionist recording a solo album of his own material. *Krishnanda* was forgotten for decades until it was rediscovered first in Europe, then in Brazil, where the LP has recently been re-released.

Sad and frustrated, Pedro Santos passed away in 1993.

preview copy

preview copy

O Despertar dos Mágicos

LOYCE & OS GNOMOS

DO RÉ MI CP 010
1969

Lado / Side A

1 - Era uma Nota de 50 Cruzeiros
2 - José João, ou João José

Lado / Side B

1 - Que é Isso?
2 - A Jardelina Querida, ou Coletivo

Tudo relacionado a este misterioso combo do interior de São Paulo é nebuloso, já que o grupo sumiu completamente da cena musical depois deste compacto duplo lançado em 1969 pelo pequeno selo Do Ré Mi. Alguns dizem que a banda surgiu em Ribeirão Preto, mas, na realidade, eles vieram de Limeira, onde praticavam uma sonoridade totalmente em sintonia com o rock psicodélico e de garagem norte-americano, mas com uma peculiar pegada tropicalista.

Em 1969 não havia nada por aqui tão pesado e brasileiro como "Era uma Nota de 50 Cruzeiros". A tosca e poderosa distorção da guitarra do jovem Fael deixaria Tony Iommi e Ron Asheton mortos de inveja. Num certo momento, o tema se torna uma fusão de microfonia e percussão violenta. Talvez o maior *nugget* garageiro da América do Sul. "José João, ou João José" vai no caminho oposto, pois é uma balada folk com voz ingênua. Aliás, esse era o tema que o grupo apostava para estourar nas rádios, tanto que a canção foi mencionada com destaque na contracapa, que incluía também um agradecimento especial a Tom Zé. Em "Que é Isso?", a guitarra fulminante de Fael volta com ímpeto no estilo Jimi Hendrix e "A Jardelina Querida, ou Coletivo" marca o fim da orgia psicodélica com um Hammond charmosamente desafinado.

O fato de contar também com uma capa de dez polegadas deixou *O Despertar dos Mágicos* ainda mais colecionável, pois é pouco usual uma banda lançar um compacto de sete polegadas dentro de uma capa de dez polegadas.

Everything about this mysterious musical combo from the São Paulo countryside is foggy, as they completely vanished from the music scene after this EP, released in 1969 by the small Do Ré Mi label.

Some say the band came from Ribeirão Preto, but they were actually from Limeira, where they forged a completely new sound, in tune with the most outrageous psychedelic and garage rock from North America, but with a peculiar Tropicália feel.

In 1969 there was nothing here as heavy and Brazilian as "Era uma Nota de 50 Cruzeiros". The rough and powerful distorted tone from Fael's guitar could make Tony Iommi and Ron Asheton run for their money. At one point, everything becomes pure feedback and violent percussion. Perhaps the greatest nugget of South American garage rock.

"José João, ou João José" goes in the opposite direction, a folk ballad featuring naive vocals and which was actually the song the group was betting on to get radio airplay, even mentioning it prominently on the back cover, which also included special thanks to Tom Zé. On "Que é Isso?" Fael's killer guitar is back with a vengeance, Hendrix style. "A Jardelina Querida, ou Coletivo" marks the end of this psychedelic orgy in great Tropicalista fashion with a charmingly out of tune Hammond organ.

What also makes *O Despertar dos Mágicos* totally unusual and even more collectible is the fact that it's a seven-inch EP packed in a ten-inch cover. Pure tropical bravado.

preview copy

preview copy

Caetano Veloso

CAETANO VELOSO

Philips R 765.086 L
1969

Lado / Side 1

1 - Irene
2 - The Empty Boat
3 - Marinheiro Só
4 - Lost in the Paradise
5 - Atrás do Trio Elétrico
6 - Os Argonautas

Lado / Side 2

1 - Carolina
2 - Cambalache
3 - Não Identificado
4 - Chuvas de Verão
5 - Acrilírico
6 - Alfômega

1969. Antes de partirem para o forçado exílio em Londres, Caetano Veloso e Gilberto Gil ficaram por meses detidos em Salvador, sem poder tocar, gravar ou até mesmo visitar outras cidades. Caetano compôs algumas canções na prisão, como "Irene", que batiza não oficialmente este álbum, também conhecido como o "disco da assinatura", ou "álbum branco". A melancolia e a tristeza do baiano entre os sulcos são palpáveis, principalmente no fado "Os Argonautas", no tango "Cambalache" e na sua versão de "Carolina". Mas o álbum branco de Caetano não é só lamúria. "Atrás do Trio Elétrico", por exemplo, foi tão visionária que inaugurou toda uma nova fase da música baiana. Fez Dodô e Osmar voltar às ruas, desencadeou o fenômeno dos trios elétricos e ainda abriu terreno para os experimentos dos Novos Baianos.

A maior parte do disco foi registrada em quatro canais, de forma totalmente caseira, com Caetano cantando e o amigo Gil ao violão. O rolo foi encaminhado para São Paulo, onde Rogério Duprat adicionou orquestrações e efeitos, como nas psicodélicas "Acrilírico", "Alfômega" e "Não Identificado". No acompanhamento elétrico dos *overdubs* estava ainda a guitarra única de Lanny Gordin, reforçando o elemento tropicalista da obra, com Caetano mesclando o novo com o tradicional ("Marinheiro Só") e recitando a orgia antropofágica em português, inglês e espanhol.

Mas, depois de um álbum como este, para onde iria a Tropicália? Não importava, seus criadores estavam cruzando o Atlântico, e por aqui só restava festejar a integração musical pregada pelo movimento.

1969. Before they were sent into exile by the military government, Caetano Veloso and Gilberto Gil were detained for months in Salvador (Bahia), unable to play, record and even visit other cities. Caetano had written a few songs while in prison, including "Irene", which unofficially names this album, also known as the "signature album" or "white album". The melancholy and sadness is almost palpable in the vinyl grooves, especially in the fado "Os Argonautas", the tango "Cambalache", and his own version of "Carolina". But Caetano's white album is not only grief: "Atrás do Trio Elétrico", for instance, was so visionary that it opened a whole new path for the music from Bahia. It made Dodô & Osmar return to the streets, triggered the phenomenon of the *trio elétrico* in Carnival and even opened new ground for the experiments of new acts like Novos Baianos.

The record's core was recorded on four tracks, with Caetano singing and Gil playing acoustic guitar. The tape was sent to São Paulo, where Rogério Duprat added orchestrations, effects and smart psychedelic tinges, as in "Acrilírico", "Alfômega", and "Não Identificado". Featured in the electric overdubs was the amazing Lanny Gordin and his wild guitar, reinforcing the far-out element, with Caetano mixing new and traditional ("Marinheiro Só") and singing in Portuguese, English and Spanish - a kind of "anthropophagic" orgy.

But after an album like this, where would Tropicália head to next? It did not matter, its creators were crossing the Atlantic and back in Brazil we could only celebrate the musical integration preached by the movement.

preview copy

preview copy

Por Favor, Sucesso

LIVERPOOL

EQUIPE EQC 857
1969

Lado / Side 1

1 - Por Favor, Sucesso
2 - Que Mania
3 - Cabelos Varridos
4 - 13º Andar
5 - Blue Haway
6 - Você Gosta

Lado / Side 2

1 - Olhai os Lírios do Campo
2 - Voando
3 - Planador
4 - Água Branca
5 - Impressões Digitais
6 - Paz e Amor
7 - Tão Longe de Mim

A banda de rock mais importante do Sul do Brasil surgiu na Vila do IAPI, bairro distante do centro de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Influenciados pelos Beatles e pela Tropicália, os irmãos Marcos e Mimi Lessa se uniram ao lendário vocalista Foguete e aos amigos Pecos Pássaro e Edinho Espíndola para fundar o Liverpool, em 1967. Depois de uma fase tocando os *hits* da época, passaram a apostar em material próprio, o que os levou a defender "Por Favor, Sucesso" no Festival Internacional da Canção, no Rio de Janeiro. Foram eliminados da "competição", mas conseguiram a gravação de um elepê pelo selo Equipe.

Por Favor, Sucesso, o impecável álbum de estreia, continha composições da banda, de Carlinhos Hartlieb e da dupla Hermes Aquino e Lais Marques. A sonoridade praticada pelo quinteto era pouco usual dentro do rock sul-americano de 1969, abusando de influências dos já citados Beatles e dos tropicalistas, como também dos emergentes nomes da psicodelia norte-americana, como Quicksilver Messenger Service, Jefferson Airplane, The Byrds e Love.

A ousadia do Liverpool aparece ainda mais em "Olhai os Lírios do Campo", contendo uma introdução que lembra "I Wanna Be Your Dog", dos Stooges, que, assim como os gaúchos, estavam lançando a sua estreia em 1969. Nada de cópia ou influência, pois os discos dos Stooges só vieram a ser lançados no Brasil nos anos 1980. Era apenas uma questão de sincronicidade, prova de que o Liverpool estava captando tudo o que havia no ar daquela era dourada.

The most important and influential rock band in southern Brazil came from Vila do IAPI, a suburban neighbourhood of Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Influenced by the Beatles and Tropicália, brothers Marcos and Mimi Lessa joined legendary singer Foguete and friends Pecos Pássaro and Edinho Espíndola to form Liverpool in 1967.

After playing the hits of the day as a cover act, they started betting on their own material, which led them to play "Por Favor, Sucesso" at the *Festival Internacional da Canção,* in Rio de Janeiro. They were eliminated from the competition, but were offered a one-album deal by the Equipe label.

Por Favor, Sucesso, the exciting debut, featured songs written by the band, Carlinhos Hartlieb, and songwriting duo Hermes Aquino and Lais Marques. The quintet's music was unusual in the South American rock of 1969, mixing influences by the aforementioned Beatles and Tropicália with those of emerging acts in American psychedelic rock: Quicksilver Messenger Service, Jefferson Airplane, The Byrds and Love.

Liverpool's boldness is evident on "Olhai os Lírios do Campo", with its intro similar to The Stooges' "I Wanna Be Your Dog", also released in 1969. But this was certainly just a coincidence since The Stooges albums were only released in the '80s in Brazil. A matter of synchronicity, proof that Liverpool were capturing everything that was in the air in that golden psychedelic era.

preview copy

preview copy

A Bad Donato

JOÃO DONATO

Blue Thumb BTS 8821
1970

Lado / Side 1

1 - The Frog
2 - Celestial Showers
3 - Bambu
4 - Lunar Tune
5 - Cadê Jodel?
(The Beautiful One)

Lado / Side 2

1 - Debutante's Ball
2 - Straight Jacket
3 - Mosquito (Fly)
4 - Almas-Irmãs
5 - Malandro

Como muitos músicos de seu calibre, em 1970, João Donato já havia deixado o Brasil para trás e estava morando nos EUA, onde era muito mais respeitado. Tanto que contou com o sinal verde do seu selo norte-americano, Blue Thumb Records, para criar o seu disco mais experimental até então: *A Bad Donato*.

Sem saber muito o que fazer da sua carreira, mas fortemente influenciado por Jimi Hendrix, Sly Stone, James Brown, Miles Davis e altas doses de LSD, o músico brasileiro pegou os adiantamentos da gravadora e passou a investir em novos equipamentos e efeitos, estudando os timbres de sintetizadores e pianos elétricos. Com o dinheiro, ainda convidou o amigo e também expatriado Eumir Deodato para cuidar dos arranjos e contratou o apoio de feras da orquestra de Stan Kenton, além de bambas como Bud Shank, Oscar Castro-Neves, Dom Um Romão, Paulinho Magalhães e Joe Porcaro.

Os dez temas de *A Bad Donato* fizeram do trabalho um marco do jazz fusion, unindo o balanço do funk norte-americano com as sedutoras nuances da música brasileira. Efeitos psicodélicos em voga no período ampliam o espectro do disco, que trazia Donato vestido todo careta na capa e com um divertido visual ***hippie*** na contracapa.

Na época, lançado somente nos EUA, Japão e França, *A Bad Donato* mostrava a faceta mais pirada e eloquente do respeitadíssimo João Donato. No Brasil, só foi redescoberto e finalmente lançado recentemente, o que fez o músico até se apresentar mais por aqui, tocando na íntegra a sua pérola acid funk.

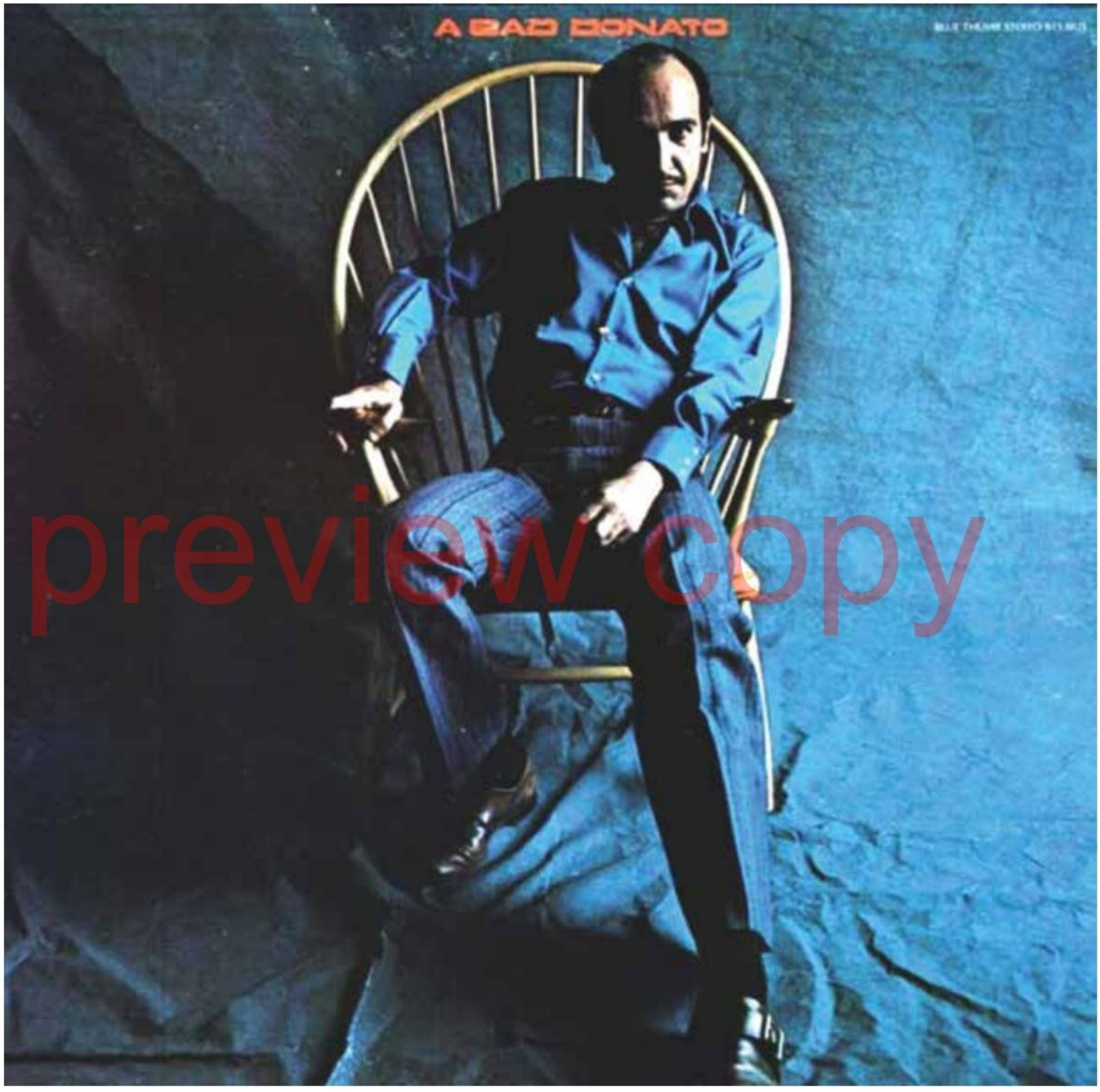
Like many musicians of his stature, by 1970 João Donato had already left Brazil and was living in the US, where his music was much more respected. So much so that he was given a free hand by his US label, Blue Thumb Records, to record his most experimental album yet: *A Bad Donato*.

Without quite knowing what to do next in his career, but heavily influenced by Jimi Hendrix, Sly Stone, James Brown, Miles Davis and huge amounts of LSD, Donato used the advance the label paid him to invest in new equipment and started researching the sounds and effects of synthesizers and electric pianos. He also used the money to invite his friend and fellow Brazilian expatriate Eumir Deodato to take care of the arrangements. Donato also brought in members of the Stan Kenton Orchestra, as well as ace musicians like Bud Shank, Oscar Castro-Neves, Dom Um Romão, Paulinho Magalhães and Joe Porcaro.

A Bad Donato is a landmark of jazz fusion, combining the rhythms of American funk with the seductive nuances of Brazilian music. Psychedelic effects typical of the time also amplify the spectrum. On the cover photo, João Donato looks quite square, but on the back cover, he is dressed like a funny hippie.

Released only in the US, Japan and France at the time, *A Bad Donato* showed the most eloquent and freaky facet of the highly respected João Donato. In Brazil, the record was only recently rediscovered and finally released, which even resulted in the musician performing more frequently here, and playing this acid funk gem in its entirety.

preview copy



preview copy

O Burro Côr de Rosa
Ouriço

SERGUEI

Polydor CSPN 51.110
1970

Lado / Side A

1 - O Burro Côr de Rosa

Lado / Side B

1 - Ouriço

Sérgio Augusto Bustamante, o nosso popular e maldito Serguei, ainda aguarda ser redescoberto como um arauto da psicodelia brasileira, como aconteceu recentemente com Ronnie Von. Aos 83 anos, Serguei infelizmente anda por aí sendo mais lembrado e reconhecido pelo seu rápido e suposto *affair* com Janis Joplin do que por sua carreira autoral entre os anos 1966-1975. Nesse período, ele foi responsável por lançar um punhado de compactos imperdíveis.

Serguei foi o primeiro artista brasileiro a se autoproclamar psicodélico, como fez em seus dois primeiros compactos, que continham as emblemáticas "As Alucinações de Sergei" e "Eu Sou Psicodélico", lançados em 1966 e 1968, respectivamente. Podemos então alegar que Serguei está para a psicodelia brasileira assim como Roky Erickson e seu 13th Floor Elevators estão para a psicodelia norte-americana. Em "Alfa Centauro", de 1969, ele até recria (provavelmente de forma não intencional) algo parecido com os sopros de Tommy Hall na jarra psicodélica dos Elevators. Trata-se da sinergia psicodélica que ligava todos os cantos do planeta naquele final de década de 1960.

Difícil escolher um único compacto de Serguei para figurar neste livro, mas o lançado pela Polydor, em 1970, com "O Burro Côr de Rosa" e "Ouriço", ecoando *fuzz*, tropicalismo, funk pesado, letras viajantes e a voz rasgada do cantor foi o escolhido. Além de tudo, as gravações aconteceram no meio de uma viagem de LSD de Serguei.

Sérgio Augusto Bustamante, our celebrated outsider Serguei, is still waiting to be rediscovered as an icon of Brazilian psychedelia, like Ronnie Von was a while ago. Serguei, now aged 83, is unfortunately still mostly famous for a supposed brief affair with Janis Joplin (when she spent the Carnival of 1970 in Brazil) than for his recording career spanning the years 1966 to 1975. During this period, he released a handful of psychedelic gems.

Serguei was the first Brazilian artist who proclaimed being psychedelic, his first two singles (released in 1966 and 1968) containing "As Alucinações de Sergei" ("The Hallucinations of Serguei") and "Eu Sou Psicodélico" ("I Am Psychedelic"), respectively. Therefore, we can say that Serguei was for Brazilian psychedelia what Roky Erickson and his 13th Floor Elevators were for North American psychedelia. In "Alfa Centauro", from 1969, he even recreates (probably unintentionally) something that sounds like the electric jug of the Elevators' Tommy Hall. It was pure psychedelic synergy linking every corner of the planet at the end of the '60s.

It was difficult to pick just one Serguei single to figure in this book, but the one released by Polydor in 1970, "O Burro Côr de Rosa" b/w "Ouriço", echoing fuzz, Tropicália, heavy funk, dope lyrics and the singer's raw voice was the chosen one. Moreover, these recordings took place while Serguei was in the middle of a wild LSD trip.

preview copy

polydor
polydor
polydor
polydor
FABRICADO PELA COMPANHIA BRASILEIRA DE DISCOS
ESTRADA DAS FURNAS 1462 RIO
INDUSTRIA BRASILEIRA
C.G.C. No. 33777411/2
SCDP-PF-001/68
1
M
33
1970
CSPN 51.110
O BURRO CÓR DE ROSA
(Luiz Carlos Sá)
SERGUEI
CSPN 51.110 A
TODOS OS DIREITOS DO PRODUTOR FONOGRÁFICO E DAS DEMAIS EMPRESAS QUE CONTRIBUEM PARA A REALIZAÇÃO DESTE DISCO ESTÃO PROIBIDAS
A REPRODUÇÃO EXECUÇÃO PÚBLICA E RADIODIFUSÃO DA OBRA GRAVADA SÃO RESERVADOS

Geração Bendita

SPECTRUM

Todamérica 80006
1971

Lado / Side 1

1 - Quiabo's
2 - Mother Nature
3 - Trilha Antiga
4 - Mary You Are
5 - Maria Imaculada
6 - Concerto do Pântano

Lado / Side 2

1 - Pingo é Letra
2 - 15 Years Old
3 - Tema de Amor
4 - Thank You My God
5 - On My Mind
6 - A Paz, o Amor, Você

O rock psicodélico brasileiro está repleto de raridades, mas é difícil um álbum carregar em seu DNA o mesmo teor de raridade, qualidade e importância. Felizmente é o caso desse LP do Spectrum, grupo formado em Nova Friburgo, região serrana do Rio de Janeiro.

Geração Bendita é a trilha sonora de um longa metragem chamado ***É Isso Aí, Bicho***, dirigido por Carlos Bini, que retratava com fidelidade o estilo de vida de uma das primeiras comunidades ***hippies*** do país, ***Quiabo's***, da qual o Spectrum fazia parte. Mas em tempos de ferrenha ditadura militar, não demorou para todo o elenco, produção e membros da banda serem presos por um delegado, que raspou cabelo e barba do pessoal, e ainda deu um fim nas roupas coloridas e transadas que vestiam.

Caetano, Serginho, David, Fernando e Toby, com cerca de 20 anos de idade em 1971, criaram um louvável e livre trabalho musical, misturando letras em português e inglês e uma temática altamente ***hippie***. ***Geração Bendita*** estava acima da média daquilo produzido no ***underground*** brasileiro daquele início dos anos 1970.

O conceituado colecionador de discos austríaco Hans Pokora fomentou um culto internacional ao redor do disco. Em um de seus livros, ele deu a cotação de raridade máxima à minúscula prensagem original do LP, lançado pelo pequeno selo Todamérica.

Quanto ao Spectrum, depois de ***Geração Bendita***, eles participaram de mais um filme de Carlos Bini, ***Guru das Sete Cidades***. Novamente atuaram como figurantes e cuidaram da trilha sonora que, infelizmente, continua inédita.

Brazilian psychedelic rock has many rarities, but few times the scarcity of a record is matched by its quality and importance. Fortunately, this is one of those few. Spectrum was formed in Nova Friburgo, in the mountainous region of the Rio de Janeiro state.

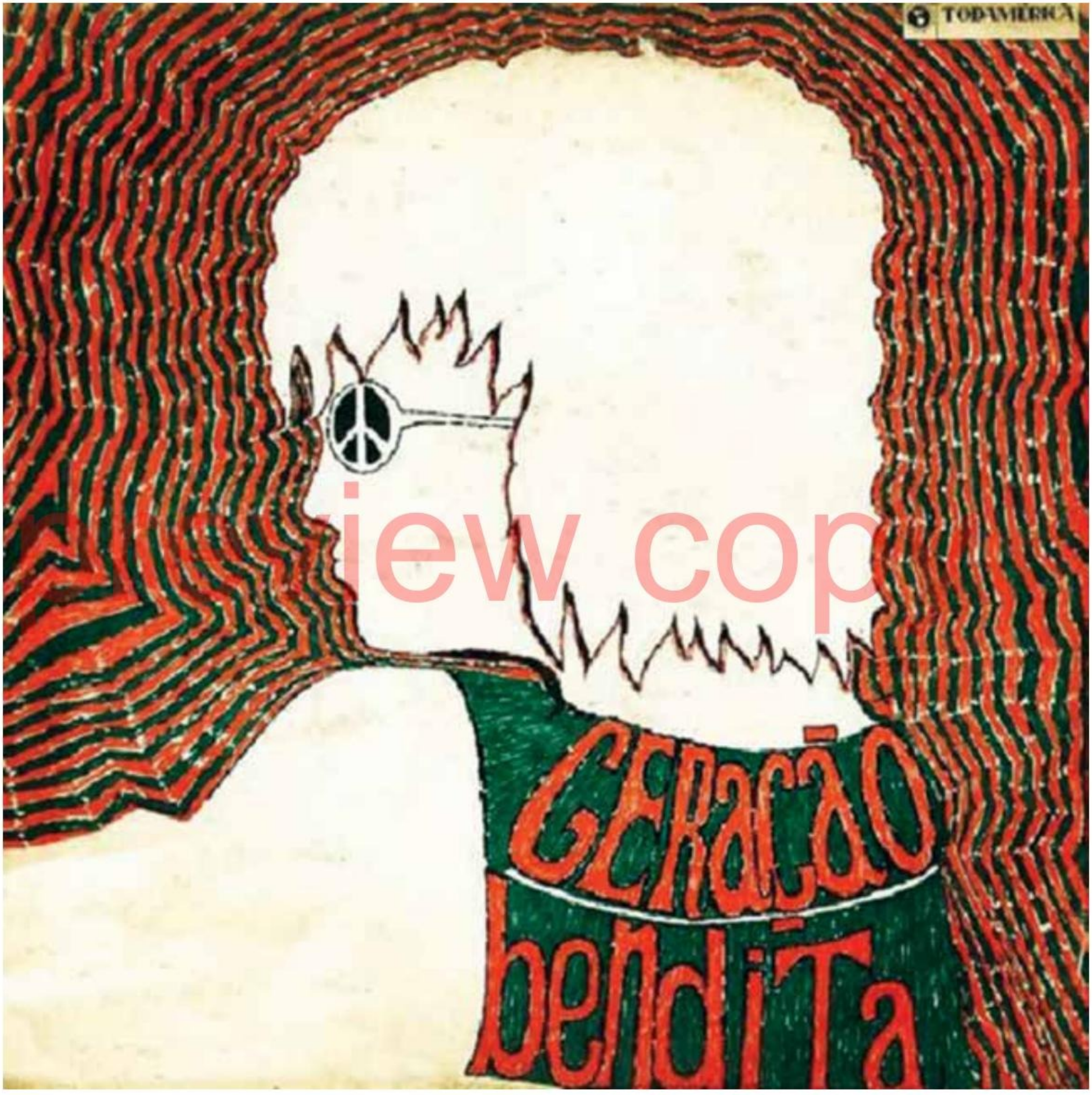
Geração Bendita is actually the soundtrack from a movie directed by Carlos Bini, *É Isso Aí, Bicho* ("That's it, bro"), which faithfully portrayed the lifestyle of one of the first hippie communities in Brazil, *Quiabo's*, which the Spectrum members were part of. But those were times of military dictatorship, and soon the entire movie cast, production crew and band members were arrested by the city's police chief, who had their hair and beards shaved off, and got rid of the colourful clothes they were wearing.

Caetano, Serginho, David, Fernando and Toby, all around 20 years old in 1971, created an admirable and unrestrained musical work, mixing lyrics in Portuguese and English and a very hippie concept. *Geração Bendita* was above the average underground music produced in Brazil in the early '70s.

Renowned Austrian record collector Hans Pokora has fomented an international cult around the record, after giving his "maximum rarity" rating to the limited original pressing on the small Todamérica label.

As for Spectrum, after *Geração Bendita* they participated in another Carlos Bini movie, *Guru das Sete Cidades*. Once again, they acted as guest stars and took care of the impressive soundtrack, which, unfortunately, remains unreleased.

preview copy



iew cop

Lô Borges

LÔ BORGES

EMI SMOFB-3742
1972

Lado / Side 1

1 - Você Fica Melhor Assim
2 - Canção Postal
3 - O Caçador
4 - Homem da Rua
5 - Não foi Nada
6 - Pensa Você
7 - Fio da Navalha
8 - Pra Onde Vai Você?

Lado / Side 2

1 - Calibre
2 - Faça Seu Jogo
3 - Não se Apague Esta Noite
4 - Aos Barões
5 - Como o Machado
6 - Eu Sou Como Você É
7 - Tôda Essa Água

O cantor e compositor mineiro Salomão "Lô" Borges Filho foi um dos fundadores do Clube da Esquina, ao lado do irmão Márcio Borges, Milton Nascimento, Beto Guedes, Fernando Brant, Ronaldo Bastos, Wagner Tiso, Toninho Horta e Túlio Mourão.

Milton Nascimento, Lô Borges e o Clube da Esquina lançaram um álbum duplo essencial em 1972, ano em que Lô Borges também lançou a sua inspirada estreia solo, um LP que ficou conhecido como "o disco do tênis".

"Se não quer mostrar a cara, mostra o pé". O letrista Márcio Borges estava sem paciência com seu irmão, que se recusava a aparecer na capa. Lô Borges, assim como seus amigos mineiros, não gostava de enveredar pelo caminho fácil da música comercial. O "disco do tênis" acabou apresentando uma das capas mais peculiares e chamativas do período. Seu ar despojado combinava com o clima estradeiro e sensível das belas composições, muitas delas esbanjando uma riqueza instrumental e melódica que chamou a atenção de músicos e compositores renomados como Pat Metheny e Charly Garcia.

O elepê também contou com a participação de Beto Guedes, Flávio Venturini, Vermelho e Sirlan, mas não foi bem comercialmente. As vendas foram tímidas, talvez pelo teor relaxado e sofisticado de temas como "Fio da Navalha" (com *wah wah* no estilo Hendrix), o *fuzz* de verve tropicalista e beatlemaníaco de "Você Fica Melhor Assim" e "Aos Barões", as fugas jazzísticas e ao mesmo tempo regionais de "Não foi Nada", e o frescor progressivo de "Calibre".

Singer-songwriter Salomão "Lô" Borges Filho was a founding member of Clube da Esquina along with his brother Márcio Borges and friends such as Milton Nascimento, Beto Guedes, Fernando Brant, Ronaldo Bastos, Wagner Tiso, Toninho Horta and Túlio Mourão.

Milton Nascimento, Lô Borges and Clube da Esquina released their essential double album in 1972, the same year in which Borges also released his inspired solo debut album, known as "the sneakers album."

"If you don't want to show your face, show your feet." Márcio Borges was getting impatient with his brother, who refused to appear on the cover. Lô Borges, just like his musician friends from Minas Gerais, did not like to take the easy path of commercial pop music. "The sneakers album" ended up having one of the most peculiar and striking record sleeves from that era. Its bare atmosphere matched the sentimental, road-themed songs, many of them presenting a melodic and instrumental richness that caught the attention of renowned musicians like Pat Metheny and Charly Garcia.

Even though the LP featured guests such as Beto Guedes, Flávio Venturini, Vermelho and Sirlan, it was not commercially successful. Sales were low, maybe because of the relaxed atmosphere and sophistication of themes such as "Fio da Navalha" and its Hendrix-style wah-wah, the Beatles-meet-Tropicália fuzz of "Você Fica Melhor Assim", the equally jazzy and regional sounding "Não Foi Nada" and the progressive freshness of "Calibre".

preview copy

preview copy

Snegs

SOM NOSSO DE CADA DIA

Continental SLP-10.146
1974

Lado / Side 1

1 - Sinal da Paranóia
2 - Bicho do Mato
3 - O Som Nosso de Cada Dia
4 - Snegs de Biufrais

Lado / Side 2

1 - Massavilha
2 - Direccion de Aquarius
3 - A Outra Face

Aqueles que consideram o Som Nosso de Cada Dia apenas uma banda de rock progressivo, provavelmente nunca escutaram com atenção este elepê de estreia do trio, lançado pela Continental, em 1974. Manito, Pedrão Baldanza e Pedrinho Batera sofreram com comparações e foram injustamente chamados de "Emerson Lake & Palmer brasileiro". Mas *Snegs* é um trabalho consistente, que apresenta francamente todas as vertentes do trio: folk, fusion, hard, música regional brasileira e latina, baião, psicodelia etc.

Se por um lado a faceta virtuosa e sinfônica do Som Nosso fica evidente na parte instrumental, por outro, os textos delirantes e lisérgicos do letrista Capitão Foguete levam o ouvinte a uma dimensão desconhecida. Tanto Foguete como o grupo não dispensavam alucinógenos e cogumelos mágicos para expandir a mente e o campo de inspiração. Por essa razão, *Snegs* pode ser considerado um disco altamente psicodélico, com passagens inspiradas, como em "Direccion de Aquarius", "O Som Nosso de Cada Dia" e "Snegs de Biufrais". Em alguns trechos, os vocais surgem sem barreiras linguísticas, recitados em português, espanhol e inglês. A filosofia dopada da banda chegou inclusive até a capa de *Snegs*, ilustrada com muitos cogumelos.

Ainda em 1974, o reconhecimento bateu à porta do grupo, quando foi escolhido para abrir toda a turnê de Alice Cooper pelo Brasil, a primeira de um popular *rockstar* internacional pelo país. No Rio de Janeiro, a plateia passou boa parte do show de Cooper gritando pela volta do Som Nosso ao palco.

Those who consider Som Nosso de Cada Dia just a progressive rock band probably never listened carefully to their debut LP, released by the Continental label in 1974. Manito, Pedrão Baldanza and Pedrinho Batera suffered with comparisons and were wrongly tagged as the "Brazilian Emerson Lake & Palmer", but *Snegs* is a consistent work, which really shows all the group's influences: folk, fusion, hard rock, Brazilian and Latin regional music, *baião*, psychedelia, etc.

If on the one hand the symphonic and virtuoso philosophy of the band is evident in many instrumental passages, on the other, the delirious and lysergic lyrics, courtesy of Capitão Foguete ("Captain Rocket") take the listener into a wild and unknown dimension. Both the group and their lyricist made full use of hallucinogens and magic mushrooms to expand their minds. For that reason, *Snegs* can be considered a highly psychedelic record, with dreamy passages in songs like "Direccion de Aquarius", "O Som Nosso de Cada Dia" and "Snegs de Biufrais". The trio did not bother with language barriers, singing lyrics in Portuguese, Spanish and English. The band's stoner philosophy was also made clear on the album's artwork, with its many mushrooms.

Recognition came knocking when they were chosen as the opening act for Alice Cooper's 1974 Brazilian tour, the first in the country by a major rock star. In Rio de Janeiro, the huge audience spent much of Cooper's set shouting "Som Nosso", trying to bring them back to the stage.

preview copy

preview copy

Som

PERSONA

Steps Produtos Didádicos e Recreativos LTDA.
1975

Lado / Side 1

1 - Introdução
2 - Monte
3 - Céu
4 - Terra
5 - Fogo

Lado / Side 2

1 - Água
2 - Vento
3 - Lago
4 - Trovão

Em 1973, o artista plástico italiano Roberto Campadello exibiu na Bienal de Arte de São Paulo o seu projeto *Casa Dourada*. O intuito do octógono formado por vidros e espelhos era criar ilusões de óptica em pessoas que viam suas imagens refletidas.

Essa foi a origem de um jogo criado por Campadello, Persona, lançado dois anos depois pela sua própria empresa, Steps. O brinquedo consistia em espelhos, velas, um pôster/manual de instruções e um disco de dez polegadas chamado *Som*, apresentando nove temas assustadores que serviam de trilha sonora para o jogo.

O conteúdo dessa trilha foi registrado em parceria com Luis Carlini, que produziu e dirigiu as gravações, e ainda tocou guitarra, gaita e "echo play effects". Para lhe acompanhar, Carlini escalou seus comparsas de Tutti-Frutti: Lee Marcucci no violão e Franklin Paolillo na percussão. Os temas são altamente psicodélicos, com sons de vento, explosões, vidros quebrando, uma assustadora narração de Campadello e a voz de sua esposa Carmen Flores. Os nomes das faixas estão associados aos elementos da natureza utilizados pelo I Ching. A capa da "mulher gato", idealizada por Campadello, foi clicada pelo fotógrafo Rômulo Fialdini.

Em 1979, Campadello chegou a abrir um bar/show-room chamado Persona, no tradicional bairro boêmio do Bixiga, em São Paulo.

O jogo Persona foi vendido basicamente em livrarias, galerias de arte e exibições. Problemas na fabricação dos espelhos impediram que o jogo continuasse sendo comercializado, o que transformou *Som* em um item disputado pelos colecionadores de discos.

In 1973, Italian visual artist Roberto Campadello presented his *Casa Dourada* project at the São Paulo Art Biennial. The aim of this octagon formed by mirrors and glass panes was to create optical illusions when people saw their images reflected.

This was the origin of the game Campadello created, called Persona, released two years later by his own company, Steps. The game consisted of mirrors, candles and a poster with instructions on the back, as well as a ten-inch record called *Som*, containing nine scary themes intended to be listened to while playing the game.

The content of the soundtrack was recorded in a partnership with Luis Carlini, who produced, directed and played guitar, harmonica and "echo play effects". He also brought along his Tutti-Frutti bandmates, Lee Marcucci on acoustic guitar, and Franklin Paolillo on percussion.

The tracks are intensely psychedelic, with wind effects, explosions, glass breaking, a spooky voiceover by Campadello, and singing by his wife, Carmen Flores. The track titles are associated with the natural elements used by the I Ching. The "cat woman" cover, envisioned by Campadello, was clicked by photographer Rômulo Fialdini.

In 1979, Campadello even opened a bar/show-room called Persona in the traditional bohemian neighbourhood of Bixiga, in São Paulo.

The game was sold mostly at bookstores, art galleries and exhibitions. Problems in the manufacturing of the mirrors caused the game to stop being sold, which turned *Som* into a rare and sought-after record for collectors.

preview copy

preview copy

Paêbirú: Caminho da Montanha do Sol

LULA CÔRTES E ZÉ RAMALHO

Solar LP 100.001
1975

Lado / Side 1 (Terra)

1a - Trilha de Sumé
1b - Culto à Terra
1c - Bailado das Muscárias

Lado / Side 2 (Ar)

1 - Harpa dos Ares
2 - Não Existe Molhado Igual ao Pranto
3 - Omm

Lado / Side 3 (Fogo)

1 - Raga dos Raios
2 - Nas Paredes da Pedra Encantada, os Segredos Talhados por Sumé
3 - Marácas de Fogo

Lado / Side 4 (Água)

1a - Louvação a Iemanjá
1b - Regato da Montanha
2 - Beira Mar
3a - Pedra Templo Animal
3b - Sumé

Paêbirú não é somente o disco brasileiro mais raro e valioso de todos os tempos, é também o marco de um momento único dentro da psicodelia. O misterioso e peculiar álbum duplo compilou todos os conceitos e ideias do coletivo de Lula Côrtes, expandiu os experimentos dos álbuns anteriores daquela fértil cena e levou tudo a um novo patamar, ainda inexplorado.

O libreto de oito páginas que acompanha a edição original serve de cartilha, um verdadeiro quem é quem dentro da psicodelia nordestina. Tanto que a atmosfera é de comunidade *hippie,* com cantos sagrados, raga rock, acid folk, ritmos africanos e misticismo. Cada um dos quatro lados vinha dedicado a um dos elementos da natureza: Terra, Ar, Fogo e Água.

Se a exposição tivesse sido maior, *Paêbirú* poderia tranquilamente ter sido o manifesto sonoro sucessor da Tropicália. Mas o destino da obra foi o *underground*, ainda mais quando, ironicamente, uma intempérie da tão poderosa natureza (homenageada no disco) fez questão de destruir a grande maioria das cópias originais, levadas pela correnteza de uma enchente que inundou a fábrica da gravadora pernambucana Rozenblit.

Depois do disco, Zé Ramalho virou medalhão da MPB. Lula Côrtes permaneceu fiel ao "udigrudi" e morreu em 2011.

Paêbirú is not only the rarest and most valuable Brazilian record of all time; it is also a pivotal moment in psychedelic music. The mysterious and peculiar double album compiled all the concepts and ideals of Lula Côrtes's freak collective, expanded the experiments of the previous albums from that prolific scene and took it to a whole new level.

The accompanying eight-page libretto on the original edition serves as a veritable who's who of northeastern psychedelia: Alceu Valença, Geraldo Azevedo, Ivinho, Zé da Flauta, Paulo Rafael, Lailson, Jarbas Mariz, Hugo Leão and Marconi Notaro among others. The atmosphere is that of a hippie commune with sacred songs, raga rock, acid folk, African rhythms and mysticism. Each of the four sides was dedicated to one of the four elements: Earth, Air, Fire and Water.

If the exposure had been bigger, *Paêbirú* could easily have been the musical manifesto to naturally succeed Tropicália. But this project was destined to the underground, so much so that, ironically, mother nature (honoured in the album) sent a thunderous storm that flooded the pressing plant of the Rozenblit label in Pernambuco, destroying most of the original pressing.

After the record, Zé Ramalho embarked on a solo career that brought him mainstream success. Lula Côrtes remained true to the underground until he passed away, in 2011.

preview copy

preview copy

preview copy

poeira Press

A GENUINE POEIRA PRESS BOOK FOR THOSE WHO LOVE AND LIVE MUSIC ● WWW.POEIRAZINE.COM.BR

preview copy

Bento Araujo

Bento Araujo é jornalista, pesquisador e colecionador de discos. Começou tocando em bandas e trabalhando em lojas de discos. Em 2003 criou a *poeira Zine*, uma publicação impressa e independente que apresentou um considerável contingente de informação sobre artistas de todo o planeta que nunca contaram com a atenção da grande mídia. A repercussão da *poeira Zine* abriu caminho para a criação de um podcast semanal, o *poeiraCast*. O autor teve seus textos, ensaios e entrevistas também publicados nos jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*, e em revistas como *Rolling Stone e Bizz*. Como apresentador, trabalhou no programa *Heavy Lero*. Também atua como palestrante, mediador e curador, além de participar de eventos musicais por todo o país. Como repórter, cobriu festivais, shows e eventos musicais na Europa, EUA e vários países da América Latina.

Bento Araujo is a journalist, researcher and record collector. He started out playing in bands and working in record stores. In 2003, he created *poeira Zine*, an independent publication that introduced a considerable amount of information on artists from around the world who had never captured the attention of mainstream media. *poeira Zine's* impact paved the way for a weekly podcast: *poeiraCast*. The author has also had his articles, essays and interviews published in the two biggest Brazilian newspapers, *O Estado de São Paulo* and *Folha de São Paulo*, as well as in music magazines such as *Rolling Stone* and *Bizz*. As a lecturer, mediator and curator he takes part in many musical events throughout South America. As a reporter, he has covered festivals, shows and musical events in the U.S., Europe, and several Latin American countries.

lindo sonho delirante

Bento Araujo

100 discos psicodélicos do Brasil

psychedelic records from Brazil (1968-1975)

Lindo Sonho Delirante: 100 discos psicodélicos do Brasil (1968-1975) é uma celebração à música psicodélica e inventiva produzida no Brasil entre 1968 e 1975. Essa autêntica antropofagia tropical foi compilada pelo jornalista, pesquisador e colecionador de discos, Bento Araujo, editor da revista *poeira Zine*.

- Textos em Português e em Inglês
- 232 páginas ácidas e coloridas
- Os 100 discos brasileiros mais viajantes... Resenhados!
- Reproduções de 100 capas originais
- Informações valiosas
- Os grandes álbuns e como eles foram concebidos
- A mais bacana seleção de bandas e artistas de todos os guias de música
- Histórias surpreendentes, mensagens subliminares, cogumelos mágicos e informações inéditas. Estrelando: Gil, Caetano, Os Mutantes, Tom Zé, Gal Costa, Marconi Notaro, Lula Côrtes, Marcos Valle, João Donato, Liverpool, Fábio e muito mais
- O guia definitivo da música psicodélica brasileira!

A GENUINE POEIRA PRESS BOOK FOR THOSE WHO LOVE AND LIVE MUSIC

www.poeirazine.com.br

Bento Araujo, music archaeologist, record collector and editor of the leading magazine on collectable music in Brazil, *poeira Zine*, brings you *Lindo Sonho Delirante: 100 psychedelic records from Brazil (1968-1975)*. The book is a celebration of the inventive and mind-expanding music produced in Brazil from 1968 to 1975.

- **Portuguese and English version**
- **232 acid-drenched pages**
- **The 100 trippiest Brazilian records you must own... Reviewed!**
- **Reproductions of 100 original record sleeves**
- **Priceless information**
- **The greatest Brazilian psychedelic albums and how they came about**
- **The coolest selection of bands and artists of any music guide - ever!**
- **Strange tales, coded messages, magic mushrooms and untold stories. Starring: Gilberto Gil, Caetano Veloso, Os Mutantes, Tom Zé, Gal Costa, Marconi Notaro, Lula Côrtes, Marcos Valle, João Donato, Arthur Verocai and many more**
- **The ultimate Brazilian psychedelic music guide**

poeiraPress

BRA $120.00
USA $39.00
EUR €35.00
UK £29.00

ISBN 978-85-921792-0-5

9 788592 179205